

Nova York, Natal de 2004.

ESTER

- Bom dia Ester, ou seria boa noite?

Ester reconheceu a voz, ligava do Brasil, por isto a confusão com o fuso horário.

- A justiça finalmente autorizou o desligamento das máquinas, vai ser hoje à noite, queria que você soubesse. Feliz Natal, Ester. Espero que você esteja bem como eu estou, ele vai poder descansar agora.

Um longo silêncio. Ester percebeu que não havia nenhuma emoção do outro lado da linha. Sentiu na voz apenas um leve alívio. Ela pensou como a notícia sobre o desligamento das máquinas que mantinham Davi vivo não era uma informação tão impactante e esperada como seria há décadas atrás para ela e a amiga que liga do Brasil.

- Eu estou bem Marisa, feliz natal para você e toda a sua família.

Começou a nevar. Ester se alegrou. Havia dúvidas sobre se nevaria naquele ano, mas lá estava ela caindo para enfeitar o Natal. Ela queria muito que sua filha visse neve em sua primeira visita ao novo lar de Ester, especialmente no primeiro natal que passariam juntas desde que deixou o Brasil. Ester se volta para suas tarefas, estava caprichando em tudo. Trabalhava para que

aquela noite de natal com sua família fosse perfeita, inesquecível.

A noite terminou, deu tudo certo. Foi um Natal maravilhoso, cheio de surpresas. Willian, com delicadeza, deitava sua mão sobre o ventre dela, em sua cama. Ester pensa novamente em sua mãe, seria um natal perfeito se ela estivesse com eles. Sente uma ponta de tristeza. Como sempre, nas horas especiais como aquelas ela se lembra do erro estúpido que cometeu naquele dia terrível quando era jovem, prejudicando de maneira tão desastrosa e definitiva a vida de sua mãe. (Seria tão bom se ela estivesse aqui, junto a nós, compartilhando nossa felicidade), ela pensou. O sono chega pesado, ela fecha os olhos. Em um último estalo em sua mente ela lembrou: "A justiça finalmente autorizou o desligamento das máquinas "

". Então ela dormiu. Então ela sonhou...

PARTE 1

O dia "terrível."
Copacabana. Verão de 1984.

Ester, 15 anos de idade.

♪O Rio de Janeiro continua lindo...♪

Capítulo 1

Quando o sol não dá trégua, as praias lotam e músicas como as de Jorge Ben começam a ser tocadas mais alto, é sinal de que mais um verão carioca vem chegando. Especialmente para a juventude do Rio de Janeiro esta é uma época mágica, pois coincide com as férias escolares e faltavam apenas duas semanas para terminar o ano letivo. No Colégio de Ester não era diferente. Para alegria de muitos e tristeza de poucos os boletins com as notas foram entregues hoje e um clima de festa já se instalava entre os alunos. O Colégio São Mateus em Copacabana, um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro, com um currículo invejável de noventa e cinco por cento de alunos aprovados no vestibular para universidades federais, era um prédio longo e horizontal de cinco andares cercados de azulejos com temas portugueses e um terraço que acompanhava quase toda silhueta do prédio. Ele não estava mais fervilhando como há poucos minutos atrás. A maioria dos pais já haviam recolhido seus filhos, uns poucos aguardavam ali pelos pais que se atrasavam. No caso de Ester, o atraso da mãe era sempre esperado. Sua mãe trabalhava como técnica

em laboratório, saia sempre, no mínimo, com quarenta e cinco minutos de atraso por conta das cuidadosas avaliações dos exames médicos periódicos feitos pelos alunos da escola. Era uma escola caríssima, em condições normais, Ana Luíza não teria como pagar a mensalidade, mas como profissional da instituição ela ganhou uma bolsa de estudos para sua filha. Ana Luíza estava feliz com seu emprego. Adorava o Colégio e seu ambiente de trabalho e o mais importante, sua filha Ester teria uma educação de alta qualidade, um passaporte para um futuro brilhante. Ana Luíza se lembrou do que viu no espelho pela manhã. Tinha quarenta anos, mas parecia bem mais velha, estava muito acima do peso. Ela um dia já foi uma mulher bonita, mas na luta diária para criar sua filha e cuidar de seu marido, um imigrante espanhol doente até sua morte, sua vaidade ficou em segundo plano. Ana Luíza não queria isto para sua filha. Educação e preparo eram a chave para abrir uma porta diferente do que ela entrou por não ter tido a oportunidade de ter uma instrução de primeira. Mas, como sempre, o lar é tão importante quanto a escola para educação dos filhos e no caso de Ester, filha única sem pai, sua família era sua mãe. Agora, em sua adolescência, ela ficava cada vez mais difícil de educar. As brigas entre as duas já estavam banalizando. Ana Luíza se esforçava para mostrar autoridade de pai e

mãe. Quando achava que conseguia enquadrar a filha sempre vinha uma surpresa. A menina não era fácil, não mesmo. A dificuldade da hora era História, uma matéria escolar que não se aprende se não dedicar a ela um pouco de tempo todo dia. Muitas datas e nomes para decorar.

Ester desobedeceu mais uma vez a mãe. Ela atravessou a rua em direção ao terreno murado do outro lado da escola. A filha lembrou-se de quando iniciou no Colégio, no primeiro ano primário. Ela ficou deslumbrada com as instalações da escola, com o auditório onde alunos criavam peças teatrais amadoras e as quadras de basquete e futebol de salão sempre em atividade. Aquilo era um sonho, mas ela logo descobriu que não era a “princesinha linda do papai” que tanto ouviu na infância. Ela era a única mulatinha pobre em uma imensa multidão de crianças brancas filhos de classe média alta. Os apelidos sobre sua cor pipocavam nas bocas de suas amigas quando trocavam insultos e escárnios tão comuns entre as crianças que não tem ideia de como podem magoar e ferir pessoas. “Boneca de piche”, ela lembrou. Mas o fato é que Ester está se transformando numa bela mulher. Agora ela tem seu primeiro namorado, era Roberto. Ela o chamava de “Meu menino do

Rio”, uma referência a uma música que fazia muito sucesso neste início de verão. Roberto era bronzeado, o corpo trabalhado pelo surf e cabelos castanhos claros com pontas queimadas pelo sol e acima de tudo tinha aquele jeito que ela adorava nele, aquela ponta de timidez, aquela ternura com ela. Agora eles estavam atrás do muro que dava para um terreno baldio do outro lado da rua, em frente ao Colégio. Trocavam ali escondidos um longo beijo. Depois se olharam sem falar uma única palavra. Ele acaricia o rosto dela com seus dedos, desce pelo queixo e para no pescoço, ela fica arrepiada. Ele adora. (Ele sempre mexe comigo), ela pensa. - Sua mãe chegou Ester, daqui posso ver. Ester se volta para trás e olha com cuidado. - Eu tenho que ir. Eles trocam mais um beijo. -Me liga. Ela diz a ele fazendo um sinal com o dedo como se estivesse discando um telefone correndo em direção ao carro da mãe. Tem pressa para mostrar sua ótima nota em História. Ela tinha medo de ficar em recuperação e perder parte das férias. A mãe de Ester já havia deixado bem claro que se isto acontecesse, as coisas iam mudar lá em casa. A filha estava ficando fora de controle. As duas tinham estudado juntas durante a semana toda. Ana Luíza percebeu que a filha vinha em direção a ela atravessando a rua. Já

havia avisado que ela não deveria sair do Colégio por aí após a aula. (Ela não tem jeito mesmo), Ana Luíza pensou. Ester se jogou para dentro do carro com um sorriso de triunfo, atirou o boletim no colo da mãe.

-Aqui está, Ana Luíza. Meu boletim.

Ester falou com um tom que pretendia um formalismo brincalhão para marcar a importância do documento entregue. Ana Luíza abre o boletim e vai direto à coluna das notas de História. Lá estava um sete e meio. Exatamente a nota que ela precisava.

- Ufa! Esta bateu na trave.

Ana Luíza falou com alívio. Estavam prontas para partir quando um aluno que estudava na mesma sala de Ester se aproximou. Seu rosto pálido estava junto à janela do lado do motorista.

-A senhora queria falar comigo, dona Ana Luíza?

Ana Luíza reparou que Ester e ele trocaram um sorriso.

- Hoje não filho, amanhã você vai a minha sala no laboratório antes da aula? Não deixe de ir. É muito importante!

-Sim senhora.

Ele foi em direção ao muro da escola esperar seu pai, ele ainda não havia chegado. Antes de ligar o carro, Ana Luíza perguntou a sua filha se ela conhecia aquele rapaz. Ester respondeu enquanto guardava o boletim em sua pasta:

-Ele estuda na minha sala.

-Ele parecia interessado em você.

Ester nem sabia o nome daquele rapaz sobre quem a mãe falou, era meio sem graça, muito caladinho. Sentava na última fila da sala e era um péssimo aluno. Nem pensar, ela não era para ele.

- Senhora Ana Luíza, todos os homens daquela sala estão interessados em mim.

Ester falou com um orgulho típico de adolescente. Ana Luíza pensou em como Ester era realmente uma menina bonita. Ela ouviu por acaso um comentário de um inspetor do Colégio que ela já era uma mulata com um corpo de violão de parar o trânsito, já naquela idade. Mas não era só isto, meninas belas como Ester você encontra em qualquer escola. Tinha algo em Ester que dona Ana Luíza, como mãe, percebeu preocupada. Era o dom da sedução. Ester tinha naturalmente este dom, sem esforço. Ana Luíza presenciou isto algumas vezes. Quando Ester se interessava por alguém, primeiro ela sorria de um jeito convidativo, depois ficava com aquele olhar concentrado na pessoa como a caça em sua presa, sem pressa, e pronto. Não agia de maneira consciente, deliberadamente, era puro instinto. Ela sempre deixava sua presa escapar, afinal ela ainda tinha só quinze anos. Mas é nesta idade que os hormônios estão chegando à flor da pele. Além disso, Ester está ficando uma menina cada vez mais

desobediente. Uma adolescente típica que acha que sabe de tudo. Ana Luíza lembrou que era melhor prevenir do que remediar. Apesar daquela situação terrível que a obrigava a um silêncio absoluto, Ester era sua filha. Um sentimento de um perigo breve e estranho mostrava a ela o que sua filha devia saber. Não podia sequer imaginar a possibilidade de sua filha passar por aquele horror que aquele rapaz passava. Aquele pesadelo. Olhou fixamente para Ester:

- Eu quero que você fique longe dele, daquele rapaz que falei agora, está bem? Promete?

-Nossa, eu nem sei o nome dele. O que foi? Ele não parece encrenca, é tão quietinho. Você acha mesmo que eu não posso arrumar nada melhor do que aquele bocó.

-O nome dele é Felipe, e ele não é nenhum bocó e eu também não sou nenhuma “você” entendeu?

Ester responde com uma expressão de desdém no rosto.

- Sim senhora.

-Eu vou te contar o que é, mas você vai ficar bem quietinha e não vai contar para ninguém, está bem?

-O que é?

Ana Luíza queria acabar logo com aquela conversa, foi direto ao ponto.

-Você já ouviu falar numa doença nova, chamada AIDS?

Ester repetiu a expressão de desdém, claro que sim, já estava com quinze com 15 anos. Todo adulto já tinha conhecimento dela. Era uma doença mortal que se pega quando se é gay.

Assim que terminou de falar, Ester caiu em si. Em um profundo silêncio, ela ouviu a mãe decretar a sentença de morte do rapaz.

-Ele tem AIDS.

Mais tarde, em casa, um sobrado de dois andares na Tijuca, Ana Luíza foi até o quarto da filha no segundo andar. Resolveu explicar o que era AIDS. O comentário da filha sobre gays tinha incomodado a mãe. Sabia que a filha não era preconceituosa, longe disso, mas ficou claro que ela conhecia muito pouco sobre a doença e este tinha chegado para ficar. A melhor prevenção para aquele horror é o esclarecimento e conhecimento. Quando entrou no quarto de sua filha, Ana Luíza viu como a transformação da decoração do mesmo acompanhava as mudanças da própria filha. Agora, em vez de bonecas espalhadas pelo quarto havia pôsteres de artistas pelas paredes e uma vitrola ao lado de uma coleção de discos bem arrumados em uma escrivaninha. Ester olhou alegremente para a mãe.

-O que foi, dona Ana Luíza?

A mãe explicou para a filha o que era a doença, como se transmitia e que não tinha tratamento ainda. Como é um vírus, provavelmente muito tempo ainda vai passar até achar uma cura. Que a melhor tática era a prevenção. Ester ouviu tudo com atenção, lembrando-se do seu colega de sala.

- Mãe, e se ele tiver tido relação sexual com algum aluno ou aluna do Colégio?

A lógica da filha era inquestionável. Ana Luíza falou:

-Nós estamos com a bateria de exames anuais de todos os alunos. Por enquanto só achamos o bichinho nele, se Deus quiser...

-Ele sabe?

Ana Luíza suspirou.

- Ainda não.

- Você vai contar para ele amanhã?

-Não filha, primeiro eu vou fazer a contra-prova e confirmada a doença a psicóloga do Colégio vai chamar os pais.

- Pode ter acontecido um erro no exame, não é?

Ana Luíza olhou com ternura para a filha, a preocupação dela sobre o colega de sala era genuína. Os olhos de Ester estavam tristes.

-Provavelmente não.

Ana Luíza resolveu que a filha não deveria ir à escola no dia seguinte, uma Sexta feira.

Queria evitar o contato dela com o rapaz, não por causa da AIDS. A mãe sabia que o contágio se dava pelo sangue, mas queria

proteger tanto ele como ela de qualquer sinal involuntário que ela pudesse dar sobre a doença a ele. É muito importante que tudo ficasse em segredo até o devido preparo dos pais, que deveriam ser informados antes do filho tomar qualquer conhecimento da doença. Tudo supervisionado por uma psicóloga. Ana Luíza sabia que um emprego da escola correria sério risco se a notícia da doença vazasse antes de todas as providências possíveis para amenizar esta tragédia. Só ela, a psicóloga do Colégio e o diretor sabiam do fato e a ordem era bem clara, tudo deveria ficar em segredo até o devido preparo dos pais. Agora Ester sabia também. De qualquer maneira Segunda feira estaria tudo resolvido.

-Ester, não conte isso para ninguém, principalmente de hoje até terça-feira, entendeu?

-Nossa mãe, claro que não, eu juro.

Ester pensou em seu namorado, Roberto. Não deveria haver segredos entre eles.

Na tarde de sexta feira o telefone chama na hora combinada e Ester corre para atendê-lo:

-Oi Ester.

-Oi, Roberto.

- Por que não me chama de "Beto"?

- Nunca vi ninguém te chamar assim.

- Isto é apenas para pessoas especiais para mim, Ester.

Ester fica feliz, ele continua:

-Eu estava pensando Ester, eu queria pegar você e ver um filme juntos aqui em casa, apresentar você aos meus pais.

-Que filme?

Ester perguntou, mas não estava nem um pouco interessada na resposta. Eufórica, só pensava no que ele disse agora, apresentar aos pais. Aquilo era a oficialização do namoro, era mais do que hora. Ela sabe que já escondeu seu namoro de sua mãe por muito tempo.

-Tem vários, você pode escolher.

- Eu gosto de filme policial.

- Eu te pego aonde te deixei semana passada.

Ester foi em direção à sala onde a mãe assistia concentrada a uma novela na TV. Era a última vez que mentiria à mãe sobre seus encontros com Roberto. Agora seria um namoro oficial, aquilo prova que as intenções dele com ela eram boas.

-Mãe, hoje é sexta-feira. Eram minhas amigas do clube no telefone me chamando, eu posso ir?

Ana Luíza mal esperou a filha terminar.

Concentrada na novela. Ela fez um sinal de sim com as mãos. Ester correu para o quarto e

enquanto se vestia, resolveu colocar aquela blusa vermelha que ela tinha comprado pensando nele. Quando saiu ainda ouviu a mãe lhe gritar da sala.
-Ester! Até às onze horas.

Na segunda-feira, Ana Luíza se preparou para a missão mais difícil de sua vida profissional. Na escola, ela pensou em toda a situação distraída. Olhava através da porta aberta para o confortável jardim de inverno que ficava junto à lateral direita do laboratório, uma visão agradável que sempre lhe fazia sentir estar num porto seguro. Hoje talvez fosse o dia mais difícil que Ana Luíza teria no Colégio. Ela tinha ido à igreja bem cedo. Rezou pelo rapaz. Pediu um milagre. Rezou pelos pais. Era uma situação trágica tudo aquilo. Além de tudo, o pai dele era um pastor presbiteriano. Como ele e a esposa iam encarar a doença do filho? Como contariam a ele? Que tipo de mágica uma psicóloga podia tirar da cartola para amenizar algo tão terrível? No Colégio, Ana Luíza esperou Felipe em seu consultório como combinado, mas ele não foi. (O que teria acontecido?) Pensou uma apreensiva Ana Luíza. Foi até o escritório do diretor para comunicar imediatamente o fato. Seria melhor falar com os pais dele agora mesmo, depois pedir a

contraprova. Quando entrou na sala do diretor Elias, um homem grande e bondoso a quem ela aprendeu a admirar e seguir suas determinações à risca durante os nove anos que trabalhava na instituição, ela notou que ele estava acompanhado de Marlene, a psicóloga da escola, uma senhora que tinha nada mais nada menos do que um doutorado na Universidade americana Princeton. Só o melhor para os alunos daquela escola. Ana Luíza comunicou a ausência de Felipe. Expressou sua opinião sobre a urgência de contar aos pais dele. Escutou um lacônico “agora é tarde” do diretor. Uma assustada Ana Luíza pergunta:

- Como assim?

-Hoje só apareceram quatro alunos, incluindo ele, na sala de aula de Felipe.

Disse o diretor em tom professoral, Ana Luíza congelou alerta. Ele continua:

-Uma das mães ficou sabendo do caso dele na sexta-feira passada à noite e ligou para as mães de outros alunos, e assim por diante.

Elas já marcaram uma reunião com a diretoria hoje à tarde. Seus filhos não vão comparecer à aula até que tudo sobre a doença esteja esclarecido. Parece que a origem do vazamento foi sua filha.

O chão como que desaparece sob os pés de Ana Luíza:

-Ester, não pode ser...

Ana Luíza, atônita, percebe que seu emprego corria sério perigo agora. (Mas Ester? Não tem como. Ela nem veio à aula segunda feira. Não teve contato com nenhum aluno do Colégio), Ana Luíza pensou. O diretor continuou:

- Quando Felipe chegou à sala, um dos três alunos presentes, uma menina, se aproximou dele e disse que sua mãe não queria que ela viesse à aula por enquanto, mas seu pai, que era médico, tinha explicado que AIDS não se pega pelo ar, mas pelo sangue. Parece que ela perguntou se ele era homossexual. Ele se levantou e foi embora. Seus pais estão aqui, na sala ao lado.

Ana Luíza diz completamente perplexa, confusa:

-Eu posso ajudar?

- Com os pais dele aqui não, melhor não. Vá para casa, amanhã eu te ligo. Verifique se Ester estava sozinha sexta à noite com um colega do Colégio.

Ana Luíza arregalou os olhos. (Ester saiu sexta à noite. Foi só para ir ao clube com amigas que não tem nada a haver com a escola). Ana Luíza juntou forças para falar:

-Padre Elias, eu não acho que isto tenha a ver com a minha filha, mas se sou a responsável pelo vazamento isto é imperdoável. Se eu confirmar que minha filha vazou a informação, eu peço demissão.

Ela falou com a voz embargada. Ana Luíza não podia perder aquele emprego. Tinha

esperanças que o velho diretor e amigo contemporizasse seu possível erro. Tinha esperança que ele falasse algo como que, apesar de tudo, uma medida tão drástica não seria necessária.

- Não é tão simples assim Ana Luíza...

Ele explicou que o menino tinha desaparecido e não foi encontrado ainda. Seus pais estão em uma sala ao lado. Já haviam sido comunicados sobre a doença do filho. Depois de uma cena melancólica com o indescritível sofrimento dos pais pelo destino de seu filho, uma reação que beirou a violência seguida de acusações contra o Colégio pela negligência em vazar uma situação desta gravidade sem o devido preparo do aluno terminou com a promessa de um processo que seria movido contra a instituição por Danos Morais ou qualquer que fosse o nome da causa.

Independente disto, a mãe, uma advogada, exigiu a demissão por justa causa da funcionária relapsa e incompetente que vazou a informação sem o devido preparo do filho. Ana Luíza percebeu que esta mancha em seu currículo seria tão mortal para sua profissão como a doença era mortal para o pobre rapaz. De repente, sem avisar, a mãe de Felipe entrou na sala do diretor. Um silêncio mais que constrangedor tomou a cena. Padre Elias ficou sem fala, enquanto ela encarava Ana Luíza. A mãe de Ester só diz: "sinto muito" e vai embora, mas ela ainda tinha esperança.

Acreditava que a filha não tinha nada a haver com aquilo. (Preciso falar urgentemente com Ester. Ester não, não pode ser.), ela pensou apavorada com seu futuro e de sua filha sem aquele emprego e uma demissão por justa causa.

Ester acordou em seu quarto. Teve um pesadelo, se sentia humilhada, indefesa, nada podia fazer. A companhia tocou, era sua tia Cris e sua prima Rosinha, que tinha a idade dela. As duas foram para o quarto colocar o papo em dia enquanto a tia preparava algo para elas na cozinha. As primas eram amigas desde a infância lá em Padre Miguel, uma amizade íntima e não havia segredos entre as duas.

-Então? Como é que você está com o Bonitão? Rosinha perguntou escancarando a boca com um sorriso.

- Acabou.

Ela agora olha sério para Rosinha. Ester tinha ódio nos olhos.

-Sexta à noite eu disse para minha mãe que ia ao clube para me encontrar com algumas amigas.

Ela continua enquanto Rosinha escuta atentamente.

- Era mentira, ele estava me esperando numa esquina a duas quadras, dentro do carro dele. Se minha mãe descobre, ela me mata.

-E aí?

Perguntou uma curiosa Rosinha.

-Ele me tratou como uma puta, nunca mais eu quero vê-lo! Aquele babaca...

Rosinha percebeu na voz de Ester o ressentimento, ficou triste. Percebeu toda a decepção e revolta da prima. Aquela não era a Ester alegre que Rosinha conhecia. Neste momento Cris bateu na porta do quarto, era Ana Luíza no telefone. Queria falar com Ester. Na sala, Ester atendeu ao telefone com sua mãe do outro lado da linha, notou que a voz dela estava ansiosa:

-Ester, eu quero que você responda com muita atenção a minha pergunta por que eu só vou perguntar uma vez: Você contou para alguém sobre aquilo que falamos ontem, do aluno que muito provavelmente está com AIDS?

Ester paralisou. (E agora? Como é que eu vou dizer para ela que contei para Roberto? E que contei a um cara que ela não conhecia enquanto mentia a ela sobre onde estava?) Ela pensou com medo.

-Ester!

A voz de Ana Luíza tinha agora um senso de urgência inconfundível.

- Contei...

A mãe desligou o telefone. Dez minutos depois outro telefonema para Ester, ela

atendeu. Uma voz com um tom autoritário saiu do outro lado da linha:

- Ester, eu sou Kátia, a mãe de Roberto. Eu ligo em nome de várias mães do Colégio São Mateus. Fique longe do meu filho ou de qualquer aluno da escola. Se nós acharmos você rondando por aqui, nós estamos prontas para te dar uma lição que você nunca mais vai esquecer. É só isto, tenha um bom dia.

Ester deixou o telefone cair no gancho. Estava travada com o recado. Era a segunda vez que se sentia profundamente humilhada de sexta para hoje. Segunda vez que tinha sido tratada como lixo. A perplexidade foi sendo substituída por um ódio profundo, agravado pelo fato de que ela não podia fazer nada, estava paralisada. Não conseguia raciocinar. Vinte minutos depois, Ana Luíza chegou a sua casa. Quando Cris abriu a porta viu que alguma coisa estava errada. A mãe estava com um aspecto visivelmente cansado, abatida. Seus olhos inchados como se tivesse chorado. Algo muito grave tinha acontecido.

- Cris, me desculpe, eu sei que a viagem de Padre Miguel a Tijuca é grande, mas eu preciso ficar a sós com Ester, é muito importante.

-Mas o que aconteceu, Ana Luíza? Assim você me deixa preocupada.

-Nada, não se preocupe, nada demais, depois te conto, por favor.

Cris não disse mais nada, chamou sua filha. Para tristeza de Rosa informou que elas iam embora. Pediu para que ela se despedisse da prima e da tia. Ester apareceu na sala, queria saber por que elas iam embora, mas no fundo já sabia. Cris apressou sua filha e se foram. Ana Luíza mal esperou que a porta se fechasse atrás dela.

-Ester venha aqui.

A mãe apontou um ponto no chão a cerca de meio metro dela. Ester estava nervosa, ansiosa, com medo, ela mal se aproximou da mãe.

- ESTER VENHA AQUI!

O grito atingiu Ester como uma bomba. Ela se aproximou e parou exatamente onde a mãe mandou. Ficou ali paralisada de medo. Nunca tinha visto sua mãe assim.

- O que aconteceu? Para quem você contou?

A voz de Ana Luíza estava tranquila. Sua voz parecia uma brisa leve que antecede uma tempestade. Ester balbuciou algumas palavras:

-Eu contei para o Roberto.

As duas estavam ali, próximas. Elas se encararam uma com medo, outra com um olhar que Ester jamais havia visto.

- Quem é Roberto?

Meu namorado.

Ela mentiu para a mãe, agora ela sabe que ele nunca foi. Ana Luíza continuava calma:

- Quando?

- Sexta à noite.

- Sexta à noite quando?

Ester baixou os olhos.

-Olhe para mim. Quando?

Ester levantou os olhos.

- Quando disse que ia ao clube ver minhas amigas.

-E para onde você foi?

Ester começava a entrar em pânico.

-Eu estava na casa dele.

- Sozinhos?

Ester não respondeu. Uma explosão atingiu o rosto de Ester que rodou em direção contrária ao da mãe. Uma bofetada que jamais ela ia esquecer. Ana Luíza continuou:

-O erro foi meu. Eu não devia ter contado a você. Eu pensei que te conhecia, que você tinha caráter, mas agora descobri, para minha surpresa, que além de fofqueira e linguaruda você não passa de uma moleca mentirosa com um namorado que não conheço e mente sobre os lugares para onde vai para ficar se esfregando por aí.

A bofetada ainda ecoava na mente de Ester. Ela estava entorpecida. Aquelas palavras de sua mãe...

-Pode ir para seu quarto agora, nem uma palavra. E não saia de lá. Amanhã eu vou explicar as consequências de seu ato vergonhoso.

Ester, chorando, foi para o quarto. Sentia agora um ódio amargo pela bofetada, por

Roberto, pelo telefonema daquela vaca, pela mãe, por tudo. Elas me chamaram de puta. Ela pensou. (Seu tapa não doeu, filha da puta). Ela quase falou à mãe.

Na terça feira Ana Luíza foi bem cedo até o Colégio. Antes de chegar ao prédio, uma tristeza que só um adeus definitivo pode produzir tomava conta dela. Entrou furtivamente pela garagem, não tinha como encarar seus colegas de trabalho durante mais de oito anos com aquela saída desonrosa da escola. Agora, juntando suas coisas na sala em que trabalhou por tanto tempo com dedicação devida a uma instituição que era para ela muito mais que um emprego, uma lágrima desceu em seus olhos. Ela deu um adeus à escola e foi embora. Antes de entrar em casa, andou apreciando a rua em que morava no bairro da Tijuca. Na verdade, era uma travessa, uma pequena rua sem saída que se transforma quase numa pequena, segura e confortável vila. Da entrada da rua até o final dela os sobrados geminados eram praticamente iguais, inclusive o dela, e davam um aspecto aconchegante ao local. Agora tudo isso acabou. Ana Luíza é uma mulher prática. Já havia feito as contas mentalmente. Teria que entregar o imóvel na imobiliária imediatamente. Não tinha mais como pagar o

aluguel. Ela ia voltar para o apartamento que herdou de sua mãe em um conjunto residencial em Padre Miguel. Sem a bolsa da escola, sua filha podia dar adeus também à excelente educação do Colégio São Mateus. De qualquer maneira, depois do que aconteceu, era melhor assim. (Amanhã mesmo começo a procurar emprego), ela pensou. Ana Luíza chega à sua casa. O telefone toca, é um colega da escola, queria falar com Ester. Ana Luíza subiu até o quarto dela, bateu na porta levemente e ninguém respondeu.

-Ester, telefone para você. É um aluno do Colégio.

Esperou um pouco pela resposta e nada. Abriu lentamente a porta. Ester estava dormindo. Não era comum que Ester dormisse a esta hora da tarde, mas foi uma segunda feira terrível para ambas. As duas praticamente não dormiram. Olhou para a filha que estava se tornando uma bela mulher. Cabelos negros encaracolados, anelados, olhos negros como azeitonas pretas herdado da mãe, o nariz arrebitado e as feições hispânicas herdadas do pai, mas por trás daquela mulher que se formava, Ana Luíza sabia que Ester ainda era uma criança. Ainda tinha muito que aprender. Lembrou-se delas juntas, rolando no chão enquanto a mãe mordida a barriguinha da filha que dava gritinhos histéricos de felicidade. Acariciou

levemente os cabelos encaracolados da filha para não a acordar. (Será que um dia ela vai me perdoar pelo tapa? Pelas ofensas?) Ana Luíza chorou bem baixinho, não queria acordar a filha, mas ela tinha medo, medo do futuro, medo pela filha. Estava tudo tão arrumadinho, o emprego, a educação da filha...

Ester não dormia quando a mãe entrou no quarto, apenas virou-se para o lado da parede simulando o sono. Não queria ver sua mãe, não queria falar com ninguém do Colégio. A escola acabou para Ester. Foi então que ela ouviu o choro baixinho. Ali, ouvindo a mãe chorando, Ester fez uma promessa. Nunca mais ia contar um segredo.

Assim que Ana Luíza desceu, ela voltou ao telefone e disse ao aluno que Ester não podia atender agora. Durante quase três anos, ninguém mais do Colégio ligou para ela.

Capítulo 2

A mão que levanta.

Depois que se mudou para Padre Miguel, já no início das férias, Ester percebeu o tamanho do erro que cometeu quando, naquela noite, mentiu para onde ia. Ana Luíza não conseguia mais emprego. Agora fazia marmitas com Cris em Padre Miguel. Ester ajudava na entrega das refeições e estudava a noite. Não recebeu nem ao menos um telefonema de suas antigas amigas de escola. O último telefonema que ela recebeu foi de um aluno que ela mal conhecia e não atendeu por que fingia que dormia quando ainda moravam na Tijuca. Logo no primeiro ano, em Padre Miguel, ficou claro para Ana Luíza que o futuro de Ester não seria mais tão brilhante como seria no Colégio São Mateus. Agora ela estava muito preocupada com Ester, ela andava com pessoas nada recomendáveis. (A menina não me obedece), Ana Luíza pensou. Ester estava terminando um segundo grau sofrível em uma escola pública no bairro. Não tinha nenhuma condição de passar em um vestibular para universidades federais ou estaduais gratuitas. Ana Luíza não podia pagar uma faculdade particular. Tinha que ser realista, ia ter uma

conversa definitiva com a filha. Numa manhã de domingo, enquanto Ester tomava seu café ela chamou a filha para esta conversa:

- Ester, o que você pretende fazer agora que o seu segundo grau vai terminar?

-Vou tentar uma faculdade...

Ester disse sem entusiasmo.

-Ótimo, já escolheu o curso?

-Já, vou fazer letras.

-Mas não era Administração?

Ester ficou calada. Ana Luíza suspirou.

- Acho que é hora de procurarmos um emprego para você, Ester.

Dois dias após alguém da antiga turma do Colégio São Mateus finalmente ligou para Ester. Era Clarice, uma loira alta, magra e filhinha de papai rico que Ester considerava pedante. Seus santos não batiam e ela era a única aluna da antiga sala com quem nutria uma antipatia oculta e achava que o sentimento era mútuo.

-Boa tarde, é Ester quem fala? Aqui é Clarice, lembra-se de mim? Do Colégio São Mateus? A voz de dama perguntou do outro lado da linha.

-Claro, eu me lembro de você, Clarice.

Apesar da surpresa, Ester mostrou frieza.

- Ester, os alunos do segundo grau do Colégio São Mateus da sala onde você estudou no

primeiro ano vão dar uma festa de despedida, eu fiquei encarregada de convidar os ex-alunos. Vai ser no Bar Amarelinho, na esquina do colégio, sábado, às 19.00 horas. Você lembra onde fica? Seria ótima a sua presença para comemorarmos juntos.

Ester deu uma resposta evasiva, depende, talvez sim, mas um dia antes do encontro resolveu ir. (Por que não?) Ela tinha estudado mais de cinco anos naquele Colégio. Todo o primeiro grau e parte do segundo grau. Podia passar uma noite legal com seus ex-colegas. Ela não era rica como eles, mas sempre foi muito popular na escola e tinha consciência de que era agora uma bela mulher. Queria mostrar ao mundo que ela estava viva, tinha dado a volta por cima.

No dia da festa, não se vestiu de maneira exagerada, somente ajeitou o cabelo, afinal ela não ia a uma entrega do Oscar, queria apenas relembrar os bons tempos. Preferiu ir de ônibus a ir com aquela anta do Caíque que se atreveu a tentar transar com ela semana passada naquela caixa de fósforos que ele chamava de carro. Logo que chega, Ester percebe que não haveria abraços calorosos de amigos que não se veem há muito tempo. Sua amiga "íntima", que nunca ligou para ela depois que saiu do Colégio, apenas acenou de

longe. Ela sentou na imensa mesa preparada para os alunos ao lado de desconhecidos que entraram no colégio após sua saída. Nada deu certo naquela noite. Praticamente ninguém conversou ou fez companhia a Ester. Quase três anos é uma eternidade para adolescentes e agora ela era uma estranha no ninho. Antes de a turma começar a se retirar em seus automóveis novos em direção ao futuro ali tão festejado, Ester já preparava sua saída à francesa, rumo ao ponto de ônibus. A gota d'água foi quando Roberto chegou à festa, acompanhado de sua namorada surfista. Ele entrou no bar de mãos dadas com ela e nem se sentou, foi rápido, cumprimentou alguns amigos e foi embora. Ele não a viu. No ponto de ônibus, Ester desejava que o ônibus que a levaria até a Central do Brasil chegasse logo. Foi quando um raio cortou a noite, seguido do estrondo que anunciava uma chuva pesada. Ela pensou no que mais poderia acontecer de pior naquela noite. Um carro parou em frente a ela.

- Ester, eu te levo em casa.

Era Clarice. Antes que Ester falasse qualquer palavra uma chuva grossa começou a desabar, sem pensar duas vezes Ester entrou no carro.

- Clarice, obrigado, você pode me deixar na Central do Brasil?

Clarice sorriu para Ester:

- Claro. Você salvou minha noite. Ninguém que convidei veio à festa, só você. Eu acho que eu não sou muito popular.

-Cadê seu namorado?

Ester perguntou retribuindo o sorriso, a Clarice não era tão ruim assim pensou; Clarice respondeu:

- Namorada. Ela não vem em eventos como este. Não se sente bem nestas festas por motivos óbvios.

Logo depois do que falou, Clarice fixou os olhos em Ester para ver a reação dela. Por um momento, Ester ficou surpresa.

-E o seu namorado?

Clarice perguntou.

-Aquela mala eu deixei em casa.

As duas riram. Quando já chegavam ao centro da cidade ainda chovia muito. Clarice, sob protesto de Ester, esqueceu-se da Central do Brasil e foi direto a Padre Miguel.

-Eu já fui a Campo Grande, é caminho, não é? Perguntou em tom professoral Clarice. As duas conversaram animadamente. Quem diria? A única pessoa que Ester se lembrará com carinho daquela turma é Clarice. Quando chegaram, Clarice puxou um cartão de visitas do bolso.

-Que tal trabalhar para meu tio? O salário é bom, se você quiser te coloco lá, sou a única sobrinha dele. Posso pedir para ele te dar uma chance. Eu lembro a falecida esposa dele, ele faz tudo que eu peço.

No cartão de visitas dizia “Júlio Romano, diretor presidente da A M C.” Ester pensou o que aprendeu de Shakespeare no Colégio, que disse uma vez:

“Quando você está no chão, a mão que te ajuda a levantar é sempre aquela a que você menos espera”.

- Não vou negar. Estou precisando muito, Clarice. Qual a atividade da empresa de seu tio?

- É uma agência de marketing das mais prestigiadas do Brasil. A Agência Mais Criativa.

Os olhos de Ester brilharam. A agência é nacionalmente conhecida.

- Obrigada, Clarice. Só isso valeu muito mais do que a noite com os colegas do Colégio São Mateus.

PARTE 2
SETE ANOS DEPOIS / Ano 1994
Rio de Janeiro

GALHO SECO

Capítulo 1

Com vinte e cinco anos, Ester chegou ao seu local de trabalho no décimo andar do edifício Domínios, bem no coração da Avenida Rio Branco cinco minutos atrasada e mesmo sabendo que a Agência de marketing Mais Criativa não era intolerante com atrasos, ela estava irritada consigo mesma porque a pontualidade era uma marca sua. Ela nunca atrasou. Agora aquela nota vermelha ficaria para sempre em seu cartão de ponto. A agência ocupava o andar inteiro. Ela olhou para o salão de piso de granito alternando com tábua corrida. Dezenas de mesas de vidro, cada uma com seu computador, colocadas ao longo do salão, mas dando no conjunto aspecto competitivo e moderno ao ambiente. Sua mesa fica junto à janela que ocupa praticamente todo o lado direito do salão, tem vista para a Avenida Rio Branco e está em frente à sala vazia do presidente da agência, no início o salão. Ao lado da sala vazia, fica a sala do outro sócio, Michel. Fora estas duas salas, uma mesa de reunião de granito enorme ficava dentro de uma sala de vidro no fundo do salão, com vários computadores que serviam de centro de criação. Ali aconteciam tempestades de mentes, onde se criavam conceitos para peças de marketings. É o centro nervoso da

empresa, uma das mais respeitadas área de marketing. Nunca tinha trabalhado em outro lugar. Ela havia começado ali como estagiária aos dezoito anos e trabalhou duro. Com apenas vinte e quatro anos chegou a secretária executiva do próprio Diretor Presidente da Agência de marketing Mais Criativa, o falecido senhor Romano. Ester amava aquele lugar, mas acima de tudo havia ele, o outro sócio da empresa, Michel, por quem nutria uma paixão quase adolescente. Michel era tudo para ela. Lindo, alto e com uma elegância que cativa as pessoas. Uma educação e uma gentileza a toda prova, o homem que agora dirigia a empresa, um negro totalmente calvo por opção, com trinta anos, mais de dois metros de altura e um corpo de atleta, um cavanhaque que acompanhava o desenho de seu queixo retangular e um sorriso permanente que hipnotizava Ester. Durante estes anos em que trabalhou como secretária de Romano, Ester tinha a fantasia de que um dia seria secretária de Michel. Não que não gostasse de Romano. Ao contrário, apreciava a simpatia e a cordialidade dele. Sempre de bom humor e gentil, como daquela vez que ele a ajudou quando estava grávida e não conseguia sequer sentar confortavelmente em sua cadeira, quanto mais escrever o memorando que ele lhe ditava.

-Vai para casa, acho que chegou a hora de nós ficarmos um bom tempo sem nos vermos, querida. Vai ter o seu filho e não se esqueça de me chamar para o batizado.

Uma saudade que parecia não querer acabar, que insistia em aparecer sem ser convidada arranhava os pensamentos de Ester sempre que ela se lembrava de Romano. Era um homem bonito, com olhos penetrantes. Parecia um galã de cinema, só que mais velho. Era agradável e simpático. Já fazia dois anos que ele havia morrido e sua alegria e o bom humor de sempre fazia muita falta. Davi, seu filho, ainda não havia assumido a mesa do pai e o boato na “Agência Mais Criativa” de marketing e que ele não assumiria a presidência, deixando praticamente tudo por conta de Michel, só esperando para recolher seus pró-labores em sua conta bancária. Ester tinha tido apenas um contato com o filho de Romano. Ele apareceu rapidamente uma vez na agência, não se apresentou a ninguém, foi embora rapidamente. Ele não tinha nem de longe a beleza italiana do pai. No enterro do pai se mostrou frio, não demonstrou nenhuma emoção. No fim foi embora sem olhar e cumprimentar qualquer funcionário. Naquela ocasião, Ester se lembrou do que ouviu de Romano há alguns anos quando ela começou na agência. Em um desabafo quase solitário ele falou para ela que Davi era um problema

sério, já tinha sido expulso de dois colégios, um inclusive por porte de arma. Agora estava envolvido com drogas. Quando ouviu isto, Ester pensou em como a vida às vezes pode ser injusta. Apesar de sua fortuna e amor ao trabalho, Romano tinha um filho assim, um verdadeiro marginal, era um peso muito grande para levar. Não demorou muito para que Lídia, a loira gordinha, muito bonita e eficiente secretária de Michel, mas que tinha o péssimo hábito de debochar dos infelizes que não se davam bem com ela, desse ao filho de Romano um apelido constrangedor: Galho seco. O apelido foi dado por ela devido ao fato do filho de Romano não ter nem de longe a simpatia do pai. Ester não aprovou a atitude de Lídia, mas não falou nada. Assim que Ester se sentou em sua mesa, Lídia, ao lado dela, disse curiosa em ver reação da amiga:

- Tenho uma surpresa para você, o Galho seco ligou te procurando logo que a agência abriu. Ele pediu que você ligasse assim que você chegasse.

- Porra! Justamente hoje que estou atrasada, Lídia.

Ela correu para sua mesa e procurou o número de telefone de Davi, ligou e quase imediatamente. No primeiro chamado ouviu a voz dele do outro lado da linha:

- Ester?

-Sim senhor Davi, me perdoe o atraso. O senhor pediu para eu retornar?

-Sim, amanhã vou à agência. Vou passar a acompanhar os trabalhos. Por favor, coloque em minha mesa o orçamento anual da agência, o fluxograma e o diário de caixa do último ano. Preciso também de um demonstrativo de receita dos últimos dois anos, discriminado por clientes. Depois veja a disponibilidade de Michel para uma reunião amanhã pela tarde. Alguma dúvida?

-Não senhor, eu acredito que Michel tenha esses documentos.

Ester estava surpresa, mas ela ficou animada. Não gostava de ser uma espécie de coringa na empresa já que com a morte de Romano ela ficou praticamente sem função. Agora quem sabe ela teria seu trabalho de volta? Ela pensou em Davi. Como seria trabalhar com ele no dia a dia? Teria mudado nestes últimos anos? Não via ele desde o velório. Ela se sentiu apreensiva, ele tinha vinte e sete anos e todos na agência já sabiam que ele nunca havia trabalhado. Não tinha experiência e bagagem nenhuma, mas era filho de Romano. Podia ter algo do pai, mas, o mais importante é que ela provavelmente teria sua função novamente. Estava pronta para ajudá-lo em tudo que fosse preciso, sentiu vontade de dar boas-vindas a ele, mas eles praticamente não se conheciam, melhor deixar isto para depois.

-Mas alguma coisa, senhor Davi?
Ela falou o mais profissionalmente possível:

- Conto com você no seu horário em ponto amanhã.

Ester ficou irritada com o comentário dele sobre seu horário. Não era justo, era simplesmente a funcionária mais pontual da agência, (tinha que atrasar logo hoje?) Ester pensou, mas depois de alguns minutos ela ficou animada novamente, podia ser a secretária executiva novamente. Ester foi até a Lídia, secretária de Michel, e pediu os documentos solicitados por Davi. Não falou nada sobre a decisão dele de assumir a agência. Como secretária executiva sabia que não devia comentar decisões dos diretores com funcionários. Logo depois Michel a chamou.

-Então? Ele falou mais alguma coisa ou pediu apenas os relatórios?

Com Michel ela não tinha motivos para não revelar o teor de sua conversa com Davi. Ao contrário, em nenhum momento Davi não pediu segredo, e agora quem perguntava não era apenas um funcionário da agência, era um sócio da empresa e mesmo sendo um sócio minoritário tinha autoridade para fazer a ela aquela pergunta, sem dúvida nenhuma, era uma pergunta pertinente para o bom andamento da agência. Mas alguma coisa dentro dela, um sentimento de que não devia revelar segredos, algo talvez com origem naquele dia terrível em sua adolescência, tomava corpo. Enfim permaneceu o bom

senso e ela informou que Davi deu a entender a ela que estava pronto para assumir o lugar de seu falecido pai. Michel falou:

- Sem dúvida, se isto se confirmar, vai ser uma excelente notícia. Que tal almoçarmos juntos?

Michel já havia almoçado antes com funcionários, era um hábito que ele tinha herdado de Romano, mas desta vez foi diferente. Ele a levou a um restaurante chinês que servia a lá carte, cercado de uma atmosfera oriental. Não era barato, óbvio, até porque não era um daqueles self-service onde a refeição cabia dentro da hora de almoço. Riram juntos quando ele comentou sobre o cardápio em mandarim, tinham que tomar cuidado ou acabariam comendo bunda de cachorro. Ali durante duas horas ele falou que estava um tanto cansado de levar a empresa sozinho. Elogiou sua equipe de gerentes, em especial Alexandre e Carmen, responsáveis pela criação, mas eles não eram e nem deveriam ser responsáveis diretos pelo bom andamento dos negócios. Esta função cabia aos donos e como ele estava sozinho depois da morte de Romano, tinha ficado sem tempo para a sua vida pessoal, limitava-se a ir do trabalho para casa, da casa para o trabalho,

numa rotina que agora se transformara numa vida solitária. Ester e Michel dividem um pato com laranja e Ester está achando tudo aquilo uma delícia. A companhia dele é ótima e o tempo passou rápido. Quando se dão conta já são quase três horas da tarde. Ester perdeu seu horário de trabalho pela segunda vez em toda a sua vida profissional, e no mesmo dia. (E daí? Eu estou com ele). Ela pensa.

À noite, Michel ligou para Ester. Ele disse a ela que mesmo antes da volta de Davi ele já tinha resolvido, ia cuidar mais de sua vida pessoal e deixar um pouco a empresa de lado. Era sexta-feira e ele convidou Ester para saírem juntos, dar uma volta. Ester se alegrou, ligou para sua mãe e pediu para ela ficar com Flavinha naquela noite. Ana Luíza prontamente aceitou. Logo estaria na casa da filha, um apartamento de sala e quarto no bairro de Fátima. Um apartamento muito simples, mas muito bem arrumadinho. Um quarto no fim. Uma sala e uma cozinha no meio e um banheiro no início. Quando chegou, descobriu uma verdadeira alegria juvenil em sua filha. Ficou feliz. Há tempos não via a filha tão animada com um possível relacionamento. (Deus sabe que ela merecia), pensou Ana Luíza. A vida pune e Ester já havia sido punida o suficiente. Pagou um

preço elevado por seus erros. Não ouviu a voz da mãe nem da razão há sete anos e engravidou. Fez um aborto bem no início da gravidez, depois errou de novo, mais uma gravidez, do mesmo rapaz que se revelou uma verdadeira decepção. Ela contou a ele e este sugeriu um novo aborto, desta vez ela disse não. Ele então ficou calado por alguns segundos e disse que não estava preparado para ser pai, levantou e saiu pela porta da sala e nunca mais voltou. Para aquilo, aquela atitude dele Ester tinha uma palavra: Foda-se. Desde que Flávia nasceu, Ester mudou completamente. Sua vida pessoal, antes tão agitada, acabou por opção própria. Ela agora se dedicava cem por cento à sua filha e ao seu trabalho. Amadureceu nos dois primeiros anos de vida da filha muito além da maturidade normal que uma jovem de vinte e dois anos tinha. Se por um lado tudo isto deixou Ana Luíza orgulhosa da filha, por outro lado ficava triste em ver Ester, tão linda, desperdiçando os anos mais bonitos de sua vida. Agora lá está ela. Feliz como uma mulher que tem o seu primeiro namorado. Ana Luíza não conhecia o sujeito pessoalmente, mas não estava preocupada. Ester agora era uma mulher e não uma adolescente como daquela vez, no dia terrível. Não ia se envolver em qualquer aventura. Ela sabia o que fazia. Ester se vestiu com simplicidade, não tinha roupas caras e

contava com o bom senso de Michel a respeito disto. Ele a convidou para uma noite sem muita badalação ou ostentação, iam ver uma comédia no cinema e depois jantar. Para Ester bastava estar com ele. Chegou por volta das duas horas da madrugada. Sua mãe estava acordada, ela censurou a mãe, não precisava ficar esperando ela. Ana Luíza reparou que a filha tinha uma expressão de quem estava satisfeita, (parece que tudo deu certo) Ana Luíza pensou. Já fazia anos que a filha não usava seu dom de sedução, mas parece claro que desta vez ela não deixou sua presa escapar.

Na segunda-feira, quando Ester chegou ao seu trabalho, exatamente às 8.30 horas, Davi Romano já estava na sala de seu falecido pai. Ela tinha previsto a possibilidade de Davi chegar antes dela ao escritório na segunda-feira e na sexta-feira mesmo, no fim do expediente, colocou todos os documentos solicitados por ele. Ela bateu na porta fechada do diretor presidente da agência e ouviu um seco “pode entrar”.

- Bom dia senhor Davi, o senhor precisa de alguma coisa?

Davi Romano tirou os olhos dos relatórios sobre sua mesa e encarou Ester. Ela se sentiu como se estivesse sendo avaliada, se sentiu

desconfortável. Por alguns segundos ele nada falou, apenas olhou para ela, continuo olhando quando disse:

-Bom dia Ester, por favor, veja se é possível marcar a reunião que pedi para tarde agora pela manhã mesmo, assim que Michel chegar. Ester reparou que Davi não era exatamente como ela imaginava. Realmente não tinha a beleza do pai, mas era elegante, tinha classe e educação, isto se percebe logo. Agora era ela quem avaliava ele.

-Sim senhor, só isso?

-Só. Obrigado.

Ester deu uma última olhada para trás quando fechou a porta da sala, ele ainda estava olhando para ela. Ela pensou que se fosse o senhor Romano assumindo a cadeira do chefe certamente ele teria convidado ela para se sentar. Perguntando se faltava algo para facilitar seu trabalho. (Ele não perto do carisma do pai), ela pensou, (mas ainda tem muito que aprender, se depender de sua secretária vai dar tudo certo).

Os funcionários da Agência de marketing foram chegando e logo foram informados que Davi estava em sua sala estudando alguns relatórios. Todos aguardavam que ele se apresentasse ou algo assim. Em vez disso, ele permaneceu em sua sala até que pelo ramal

perguntou a Ester se a reunião estava confirmada pela manhã.

-Michel não chegou ainda, Lídia já ligou para ele que está a caminho.

-Então me chame aqui os dois gerentes de criação, por favor.

Ester engoliu seco, lembrou-se dele chamando a atenção dela quanto ao horário. Romano sempre foi liberal quanto ao horário de trabalho. Não se importava com atrasos de quinze ou vinte minutos. Inclusive permitia que, antes do trabalho, os funcionários tomassem café juntos na cozinha, desde que o trabalho fosse bem feito durante o expediente. Aquilo era bom, ajudava a criar um ambiente de trabalho saudável. Então ela tomou uma decisão, foi até a sala de Davi, bateu na porta e pediu para falar com ele um minuto. Davi parou de ler seus relatórios, tamborilou os dedos na mesa por alguns segundos e apontou a cadeira em sua frente. Ester se sentou.

- Senhor Davi Romano, se me permite uma colocação, seu pai, o saudoso senhor Romano, não exigia que seus funcionários chegassem exatamente no começo do expediente. Inclusive quando chegavam ainda tomavam um café antes de começar seu trabalho, ele achava que isto criava um clima mais aconchegante...

Por um instante o olhar frio de Davi gelou Ester, mas ela foi em frente, afinal era

secretária dele e achava que isto ajudaria no relacionamento com seus funcionários. Ela continuou:

-Evidentemente não quero, não posso e não devo determinar de modo algum como o senhor deve dirigir seu quadro de funcionários. Apenas, como sua secretária e com o intuito de ajudar, coloco este fato para que o senhor entenda que qualquer eventual atraso não é de forma alguma um desrespeito a agência. Isto foi autorizado pelo seu pai. (Pronto falei), pensou Ester. Davi ficou em silêncio por alguns segundos, olhando para ela. Então perguntou:

-E você acha que esta tolerância ajuda no desempenho deles?

Ester relaxou com a pergunta dele. Parecia que ele entendeu perfeitamente que sua intenção era ajudar. Ela respondeu:

-Tenho certeza que independente de sua decisão sobre manter ou não esta filosofia todos os funcionários desta agência darão sempre o melhor de si, mas, sinceramente, vejo que esta atitude de seu pai, principalmente a confraternização no café da manhã, fortalecia a amizade entre os funcionários e acredito que isto é bom. Davi deu um leve sorriso, parecia uma aprovação às palavras dela.

-Aproveito para lhe pedir desculpas Ester, meu pai sempre dizia que você nunca se atrasa e partia logo para o trabalho quando

chegava sem café nem nada, eu não precisava chamar sua atenção para seu horário de trabalho como fiz ontem pelo telefone. Ela sorriu e balançou a cabeça em sinal de aprovação. Ele anotou um telefone em um papel rascunho, e passou para ela.

-Essa moça é de minha confiança e está estudando recursos Humanos. Ligue para ela e marque uma entrevista comigo, ela vai saber entre outras coisas, como organizar o café da manhã sem prejudicar a empresa no seu precioso tempo.

Ester pegou o papel da mão de Davi. (Eu consegui, ele me ouviu), ela pensou.

-Ester, eu acho que a pontualidade é um traço de caráter. Se ele, meu pai, permitia os atrasos então nada a cobrar dos funcionários até hoje, mas de agora em diante isto muda, eu preciso conhecer quem realmente está focada na empresa e no trabalho. Depois de ligar para Maria, faça um memorando para eu assinar determinando que o atraso registrado no relógio de ponto de amanhã em diante será descontado no salário como determina a lei trabalhista. As reincidências vão levar a demissão do funcionário.

Ester ficou travada por alguns segundos.

Então ela disse:

-Mais alguma coisa, Ester?

Ela perguntou com calma:

-O senhor gostaria de se apresentar aos funcionários em uma rápida reunião?

Ela falou, ainda estava chocada e surpresa com a atitude radical dele com relação ao horário dos funcionários, mas precisava falar, achava importante esta reunião.

- Claro. Isto é importante. Ótima ideia, mas primeiro preciso falar com Michel e os dois gerentes de criação.

- Mais alguma coisa, Senhor Davi?

-Não, obrigado Ester.

Ester foi até a cozinha. Michel tinha acabado de chegar e tomava seu café da manhã com os funcionários. Ester se aproximou e sem cerimônia e disse que precisava falar a sós com ele. Ninguém na grande cozinha estranhou aquele sinal de intimidade entre os dois. Já corria um boato na agência que eles tinham um caso de amor em andamento. Lídia observou que, na escala de horas informal que se estabeleceu para o café da manhã que levava em consideração a posição de cada funcionário no quadro da empresa, estavam ali junto com ela as pessoas mais influentes da agência. Inclusive o próprio Celso, o fofoqueiro mor, Alessandra e Cesar, responsáveis pela criação que haviam acabado de chegar para o café. Estavam também Denílson, responsável pela contabilidade da firma, Geralda, formada em administração e responsável pela retaguarda

da empresa. Agora só não estavam ali a própria Ester e Michel que haviam se retirado para sua conversa particular. Lídia achou que era hora certa para deixar um alerta para os que ali estavam:

- Dizem por aí que os dois têm um caso, Michel e Ester. Fico pensando se o galho seco ouvir uma história destas. Eu acho que ele não vai querer uma secretária apaixonada pelo seu sócio, principalmente se o pau começar a quebrar entre eles, o que parece certo. Ela pode até perder o emprego. Sinceramente, tenho pena do que o Michel vai fazer com o infeliz que espalhar um boato destes.

Todos ficaram em silêncio, Lídia observou Celso em particular, ele estava de olhos arregalados. Ela conclui que todos entenderam o recado, se os dois quisessem confirmar um possível relacionamento, assim fariam. Nunca mais se tocou no assunto na agência.

Na copa, sozinhos, Ester relatou a Michel sobre o memorando que ele a mandou fazer, ela disse a Michel que estava ficando realmente preocupada com Davi no comando. -Ele nunca trabalhou, ficou quase anos longe da empresa que era dele. Agora mal chega e já está impondo regras. Dando uma de grande executivo.

-Ester, eu quero que você preste bem a atenção. Nós estamos apaixonados. Eu, pelo menos, estou.

Ele diz e sorri. Ester devolveu o sorriso:

-Um dia certamente ele vai descobrir nosso relacionamento, vamos manter nosso caso em segredo o maior tempo possível, sem mentiras. Se ele perguntar nós contamos a ele. Neste período eu quero que você seja a profissional que sempre foi. Não me passe jamais nenhuma informação sobre ele. Nunca mais me procure como você fez agora na cozinha. O que eu quero é que, quando ele descobrir nosso relacionamento, que ele tenha certeza que de modo algum isto atrapalhou seu trabalho como secretária executiva. Eu sou sócio, mas ele tem caneta, no contrato social da empresa diz que é a assinatura dele que decide. Se ele resolver te mandar embora, eu não posso fazer nada, entende?

-Mas o que eu faço agora? Ele já começa sendo mal visto na empresa, não devia começar pegando mais leve?

-Faça o que ele mandou. O memorando. O entregue para ele assinar e coloque no informativo, e mais, sugira a ele que cada funcionário de uma rubrica. Você é a secretária dele.

Ester entendeu cada argumento de Michel, ele tinha muito bom senso, uma noção exata do que estava acontecendo. Era o melhor para ela.

-Ele quer uma reunião com você, Alessandra e Cesar.

-Diga a ele que eu falei a você que assim que terminar nosso café nós vamos, exatamente assim. Do ponto de vista profissional ele é só um menino, nunca trabalhou. Em pouco tempo ele aprende, fica mais humilde, entende como as coisas funcionam. Outra coisa que eu preciso te falar.

-O que?

Ele levou sua mão até sua blusa, delicadamente fechou o botão de cima, os seios dela estavam totalmente cobertos.

- Isto é só para minha apreciação, entendeu?

Ele fala, ela adorou o gesto. Meia hora depois, Ester terminou o memorando. A reunião já havia começado. Ela ligou para o ramal de Davi e o avisou que o documento estava pronto. Quando ela entrou na sala ouviu por acaso um comentário irônico de César, o mais graduado gerente de criação da agência, dirigido a Davi.

- Então Davi, talvez você com sua larga experiência possa nos orientar como melhorar os rumos da empresa.

Mais uma referência irônica a inexperiência do “menino”. Ester percebeu que a reunião estava tensa. Lembrou-se das palavras de Michel. Ela agiu com o profissionalismo de sempre. Portou-se como devia ser portar. Fingiu que não havia escutado o comentário jocoso. Entregou o memorando e sugeriu que,

antes de colocar o mesmo no informativo, cada funcionário da agência rubricasse o mesmo. Davi leu o memorando e deu aquele leve sorriso para ela de aprovação.

- Certo, Ester, pode providenciar como sugeriu. É só isso, obrigado.

Ela saiu e pensou, olhando o memorando, com ironia que era uma bela maneira dele se apresentar aos funcionários.

Maria, a nova candidata encarregada de Recursos Humanos chegou para a entrevista. Uma moça magrela de cabelos negros curtos e era muito baixinha. Parecia uma criança. A entrevista levou longo tempo e Davi pediu a Ester que fosse à sua sala. Quando entrou, Davi foi lacônico como sempre.

-Ester, esta é nossa nova gerente de recursos humanos. A apresente aos funcionários.

Depois arranje para ela uma mesa de frente para o salão e mais uma sala para ela para encontros e reuniões privadas. Ela vai explicar a você exatamente qual vai ser a função dela aqui na empresa.

Elas se cumprimentaram. Ela não devia ter vinte e seis anos. No dia seguinte, assim que Davi saiu para o almoço, Maria se dirigiu a Ester.

-Ester, por favor, chame a César para minha sala particular.

César era um gerente de propaganda respeitado no mercado, mas certamente, com aquela idade, não ia encontrar um novo emprego com facilidade. Ao que parece Davi não teve coragem para demitir ele. Preferiu passar a bola para Maria. Ester não via nenhum motivo para a demissão do velho profissional e acima de tudo grande amigo de Romano, a não ser aquele comentário irônico na sala de reunião sobre a pouca idade dele. Ficou imaginando Maria chamando César e dizendo que seus serviços não seriam mais necessários e dando um obrigado por tudo. Que coisa baixa. César saiu com a classe de sempre. Aquele senhor elegante e paciente abraçou todos os funcionários como se despedisse de seus familiares. Era exatamente nisto que Romano havia conseguido transformar aquela empresa, numa família. Romano trabalhava neste sentido. Fazia reuniões diárias com todos os setores da agência. Sua preocupação era saber se faltava alguma coisa para melhorar o desempenho de cada setor, sempre com educação e um bom humor que contagiava a todos. (Será que um dia Davi entenderia isto?) Ester ficou preocupada com a reação de Michel. Ela tinha certeza que Michel não havia nem sido consultado sobre a demissão de César. Ele não

podia fazer nada sobre o assunto. A caneta era de Davi, mas uma conversa entre os dois seria ato de bom senso, afinal Michel era sócio. À noite, durante um jantar entre os dois, Ester e Michel conversaram sobre o assunto. Michel disse que realmente ficou muito chateado, mas que nada podia fazer. Davi era o sócio que tinha a palavra final e já tinha se decidido.

- Ainda não é hora de colocar o Davi no lugar dele. A pior coisa que poderia acontecer agora para a agência era uma guerra entre os sócios. O mercado saberia e isto poderia ser fatal para atrapalhar a chegada de novos clientes. Tudo tem à hora certa, agora eu estou trabalhando nisso. Em último caso eu dou u ultimato a Davi. Ou ele muda seu estilo de trabalho ou eu vou embora montar minha própria empresa.

Ester pensou como em poucos dias o ambiente da agência tinha mudado depois da chegada de Davi.

-Você não acha que agora, com a morte de Romano, você ficaria com a maioria dos clientes se montasse sua própria agência.

- Tenho certeza disto, mas só vou tomar esta decisão em último caso. Devo isto a Romano. Ester suspirou, era verdade.

Duas semanas depois houve um princípio de rebelião na agência quando o seguro saúde dos funcionários foi cortado. Alessandra, a única gerente de criação depois da saída de César, saiu furiosa depois de uma reunião com Davi. Nunca mais voltou. Nem sequer se despediu. Agora a agência não tinha mais nenhum gerente de criação. O ambiente definitivamente mudou na agência. Os primeiros dias de Davi estavam virando o escritório de cabeça para baixo. Ester, mais uma vez, sentiu no dever de avisar a Davi que o moral dos funcionários na firma não andava nada bem. Por incrível que pareça ele escutou com calma todos os seus argumentos, levantou, virou de costas e olhou pela janela.

-E você Ester? Também está insatisfeita na empresa?

-Sabe, senhor Davi. Aqui foi o meu primeiro emprego, eu amo esta agência. É como uma segunda família. Seu pai fez isto, me fez gostar tanto daqui que a única vez que atrasei foi justamente naquele dia em que... Ele se virou para ela e interrompeu sua resposta com um aceno de mão.

-Ester, eu fico satisfeito quando você diz que gosta de seu trabalho. Você é uma secretária excepcional, sei que não vou arranjar ninguém melhor. Eu escuto sempre cada palavra sua com atenção. Fique sempre à vontade para dar suas opiniões quando achar importante, mas nem sempre eu posso

concordar com elas. Se você não aprova meu método de trabalho, tenho certeza que com minhas referências você estará empregada.

(Ele está me ameaçando de demissão, eu sou a próxima da lista. Eu só queria ajudar), pensou Ester. Ester podia conseguir emprego em qualquer agência de marketing, não graças a ele, e sim graças ao Romano que sempre lhe cobriu de elogios na frente da concorrência. Era nova, bonita e sim, muito competente. Mas havia Michel, se uma guerra estourasse entre eles, se precisar ela estaria lá. Além disso, ela entendeu o recado. Ele não queria mais ouvir os conselhos dela.

-Obrigado Senhor Davi, acho que já falei tudo. Assim que Ester chegou a sua mesa, recebeu pelo interfone um chamado para ir até o Recurso Humano da agência. Maria queria falar com ela. Por um momento Ester travou quando pensou na possibilidade de estar sendo demitida. Enquanto andava pelo salão da agência, Ester se acalmava. (Não pode ser isto. Simplesmente acabar assim). Bateu na porta da sala de Maria e entrou.

- Bom dia Ester, o senhor Davi pediu para que você entrasse em contato com esta publicitária para agendar uma entrevista. Ester pegou um cartão, lá dizia Wanessa Campos, publicitária.

- Estamos procurando alguém para a vaga de Alessandra, se conhecer alguém...

À noite, Ester sugeriu a Michel sobre uma possível candidata a vaga de Alessandra. Havia alguém, era Joice, uma fera na criação, uma publicitária brilhante que havia trabalhado na agência durante o período de Romano. Joice resolveu sair para montar sua própria empresa de marketing, mas logo descobriu que ter ideias é uma coisa, administrar um empreendimento é outra. - Claro! Disse um sorridente Michel e ligou imediatamente para ela.

Ester foi informada por Davi que por enquanto não contrataria ninguém de imediato. Queria avaliar bem todas as possibilidades antes de tomar uma decisão. Ester ficou contrariada, (Será que a decisão de Michel não vale nada?) Ela pensou, mas evidentemente não falou nada. Uma noite, no meio daquela semana, Michel convidou Ester para comer uma pizza. Ele sabia que Ana Luíza estava em seu apartamento, portanto Flávia não ficaria sozinha. Foram a uma pizzaria na Avenida Atlântica. Eles combinaram. Nada de conversa sobre trabalho. Foi então que ela o viu, em uma

mesa de canto próximo ao fim do restaurante.

Lá estava ele, era Davi.

-Michel, olha ali, é Davi.

Ela sussurrou como se ele pudesse ouvir, mas resolveu ele estava bem longe, de costas para eles.

-Vamos embora, Ester. Nós tínhamos combinado. Nada de trabalho.

(É melhor assim), Ester pensou. Seria uma situação constrangedora se ele visse os dois ali, e queria que ele soubesse do relacionamento deles por ela mesma, na hora certa, mas também ela não queria sair apressada, como se estivesse cometendo algum crime por estar com Michel. Michel pediu a conta e foi até o banheiro, Ester ficou na mesa deles, olhando para Davi. Ele estava só, não jantava, apenas tomava um café, sua expressão era pensativa. Naquele momento Ester percebeu que ele era um homem solitário, era solteiro, não se recordava de alguma namorada ligando para ele. (No que será que ele estava pensando?) Ela se perguntou. Ele morava aqui perto, no Leme, pelo que soube, morava em um apartamento modesto. Tinha dinheiro para morar em frente à praia se quisesse. Ela continuava olhando para ele quando Michel chegou.

-Acho que eu vou dar um “boa noite” para ele Michel, pode ser um bom momento para que ele saiba sobre nós dois. É um momento

casual, vamos lá juntos cumprimentá-lo, o resto ele vai entender sozinho.

-Ainda não Ester, nós dois não estamos muito bem na sociedade, eu não confio nele e ele parece também não confiar em mim. Você pode sair prejudicada. Vamos ver primeiro se ele muda e nosso relacionamento profissional e pessoal melhora. Então eu conto a ele.

A conta chegou, Michel e Ester saem tranquilamente do restaurante, eles não olham para trás.

-Eu vou te levar para casa Ester, aproveito e subo, tomo um café converso um pouco com sua mãe e dou um abraço na Flávia.

Ester não prestou atenção no que Michel falou. Sentia-se mal. Ela definitivamente não gostava de Davi. Mesmo ele sendo filho de Romano aquela demissão de César foi algo de quem não tem caráter, entretanto nesta noite descobriu que não gostava de omitir, ou mesmo esconder, o relacionamento dela com Michel.

Solitário, sentado na última mesa do bar. Davi Romano tem um sorriso cínico quando se lembra o por que resolveu assumir a empresa. A ideia surgiu a algumas semanas atrás, quando ele soube da novidade:

Duas semanas antes:

Davi Romano saiu da sala do amigo de seu pai e caminhou pelo corredor. Passou direto pelos elevadores e foi até uma das janelas de canto do corredor do antigo prédio comercial de Copacabana. Ficou ali durante ele não sabe quanto tempo, apenas focado no movimento da rua. A Avenida Barata Ribeiro estava furiosa. Alguém segurava o trânsito. Um carro quebrado. As buzinas gritavam o que poderiam ser traduzidas como palavras. (Que culpa tinha o pobre coitado se o carro dele quebrou?) Davi pensou e depois lutou bravamente contra a realidade. Ele andou até o calçadão da Avenida Atlântida. Ele estava decidido a realizar uma nova averiguação dos fatos. Era fim de tarde. A maresia chegou gelada, ele estava suando. Sentou num dos bancos de pedra de frente para o mar. Imaginou que ele estaria cometendo uma monstruosidade irreparável com a sua futura esposa. Porém, mais uma vez seu pragmatismo prevaleceu. Ele seguiu pela Avenida Atlântica. Quando chegou a seu apartamento ele resolveu parar de se enganar, estava tudo confirmado.

-Davi meu Deus, eu estava preocupada com você. São dez horas, você podia ter ligado. A expressão de Marisa é de reprovação. Davi deixou as chaves em cima da escrivaninha como sempre faz quando chega em casa, mas

não deu o habitual beijo em Marisa. Em vez disso, se dirigiu à janela da sala e ficou ali observando a passagem.

- Alguma coisa errada Davi?

Davi estava monitorando atentamente as reações de Marisa. Por elas, ele saberia se ela estava sendo sincera, isto agora era fundamental. Ele pergunta sem vacilar:

- Você já me traiu alguma vez?

A pergunta de Davi saiu exatamente como ele esperava. Direta e fria como o aço. Ele ainda estava de costas para ela, de frente para janela, depois da pergunta ele se virou para ela. Ela estava furiosa. Ela falou entre os dentes:

-Que espécie de pergunta é esta?

Davi detestava brigas. Evitava sempre discussões sem sentido quando o fim era sempre magoar e ferir. Mas agora o velho Davi coração de pedra estava de volta, e ele precisa saber a verdade.

- Eu não acho que você entendeu errado, apenas fiz uma pergunta, espero uma resposta honesta.

Ele falou com a mesma frieza que fizera a pergunta sobre traição. Marisa agora estava confusa. Olhava para ele como quem queria decifrar um enigma. Davi falou com ela em traição. Agora Davi percebeu que Marisa mudou sua postura. Não estava mais furiosa nem confusa. Aos poucos assumia uma posição confiante. Seu tom de voz estava

perfeitamente seguro. Agora ela ia contar a verdade:

-No dia em que você me convidou para tornar nossa relação definitiva, me chamando para morar contigo, eu fiquei em dúvida. Você lembra?

Ela agora senta no sofá e continua com calma:

-Nós tínhamos um amigo, o Dan, lembrasse dele?

(Claro que lembro, um curitibano), pensou Davi, (ele era um estudante de letras na universidade onde Marisa estudava. De fato, ele era um homem bonito e charmoso, encantador mesmo, então foi ele).

-Eu liguei para ele para contar a sua proposta. Confessei que tinha dúvidas sobre um relacionamento definitivo com você, porque de vez em quando, pensava nele não como um amigo. Ele disse que precisava falar comigo. Marcamos um encontro num restaurante no centro da cidade.

Marisa olhava fixamente para Davi que parecia não demonstrar nenhuma surpresa, nenhuma emoção. Ela continuou com calma.

- Ele se declarou. Disse que jamais abriria seu coração porque eu era uma mulher que amava e era amada por outro homem, mas agora, com a minha revelação, não tinha mais que ficar guardando aquele sentimento. Era apaixonado por mim, sonhava comigo como esposa, sonhava comigo como a mãe de seus filhos.

Neste momento Marisa percebeu uma leve perturbação no rosto impassível de Davi, mas ele continuou em silêncio.

-Naquela noite nós nos amamos. Posso te garantir que não foi nada vulgar como uma despedida de solteiro. Nosso futuro relacionamento, meu e seu, correu sério perigo naquela noite. Na manhã seguinte, quando acordei na cama dele, ao lado dele, eu tomei minha decisão. Pedi a ele com toda ternura, que não me procurasse mais. Foi só isto Davi, eu te escolhi Davi, e não me arrependo. Uma vez eu abortei um filho nosso. Você não aprovou e hoje me arrependo. Um pedido de casamento agora seria um sonho. Eu quero filhos, você sabe disso. Eu quero uma família.

Ela está ali na frente dele esperando um sinal de que estava tudo bem, de que ele tinha entendido e não havia nada a ser perdoado. Davi nada fala, vai em direção ao quarto preparado para futuras crianças tão desejadas, dos filhos do casal que planejavam ter. Marisa caminha e para em frente à porta do quarto. Ela está calma. Avaliava a situação. Marisa é fria como uma futura policial deve ser em qualquer situação. Agora olhando para Davi, avaliava o que seria do relacionamento deles após a revelação dela. Um homem cuja mãe morreu quando ele nasceu e com um pai ausente. Isto sempre leva a dificuldades de relacionamento, que no caso dele se

caracterizava por uma tendência para o isolamento. Raros amigos, certo repúdio para convívio social. Quando ela o conheceu, era exatamente assim. Geralmente calado. Concentrado em seus estudos, não fumava, não bebia, não se enturmava com os colegas da escola onde cursava a faculdade. Por outro lado, mesmo assim conseguia ser um líder, como naquela vez em que enfrentou em um debate o professor de história do direito que se mostrava bastante irritado em ter seus argumentos discutidos por um aluno. Quando tinha apresentação de um trabalho para a turma, os machos alfas da sala se borravam de medo diante da audiência, mas ele dominava o auditório como se fosse um grande comunicador. Depois tudo voltava ao normal, ele seguia como sempre sozinho. Marisa se lembra, tinha admiração por aquele rapaz calado e sem amigos. Ele foi muito corajoso uma vez, enfrentou e pegou o canalha. Um dia ela o abordou nos corredores da faculdade. Começaram um relacionamento que criou raízes. Ela cada vez mais se surpreendia com ele. Era gentil, um tanto agressivo na cama, mas era gentil. Apesar de o dinheiro não ser problema para ele, era organizado e decididamente evitava desperdícios. Ao longo de três anos de namoro e um ano e nove meses morando juntos, aos poucos ele foi se soltando. Foi ficando mais sociável e não se entediava

quando saiam juntos com os amigos dela. Ela gostava disso porque sabia que tinha parte nesta mudança de comportamento.

Marisa deu graças a Deus por ser ele ali e não qualquer outro homem naquela situação. Ela dava como certo que ele entenderia. Ela tinha sido sincera em cada palavra. Enquanto olhava para Davi, ela percebeu que ele tinha um triste sorriso, algo estranho.

- Então Davi, e agora?

Ele respondeu:

-Acabou Marisa, tudo acabou.

Naquele bar da Avenida Atlântida, de volta de suas lembranças, ele nunca mais viu Marisa. Ele se lembra do que ela disse a ele naquele dia:

" Eu me enganei com você, Davi. Você vai viver solitário até sua morte. "

Capítulo 2

Davi não fez mais mudanças bruscas na empresa, era distante, mas tratava a todos com educação. Ela se sentia bem agora, tinha seu trabalho de volta. De fato, ele ficou mais agradável, o ambiente na empresa foi normalizando, não que ele tivesse mudado muito. Continuava um homem de poucas palavras. Era intransigente com horários e exigente nos resultados. Ainda não havia escolhido um gerente de criação. Não havia aprovado a contratação de Joice. Ester por sua vez estava feliz, já o compreendia e ela era eficaz na solução de problemas do dia a dia como uma secretária devia ser. Foi só aquele início tumultuado de quem nunca trabalhou, o Davi real é este da agência agora. Foi assim durante dois meses, mas um dia o novo Davi voltou a ser o velho Davi. Denílson, o contador da agência há mais de vinte anos, ligou para a residência de Michel à noite, estava alarmado, logo Michel tratou de acalmá-lo.

-Você não precisa ficar preocupado com nada Denílson. Eu vou estar lá, agora me escute e se tranquilize.

Ester estava lá, junto a Michel, na casa dele. Não podia deixar de ouvir o que Michel falava a Denílson. Quando Michel desligou o telefone, ela não falou nada. Entendeu que o

Denílson temia perder seu emprego de anos. No dia seguinte o menino agiu de novo. Denílson, o contador da firma de anos foi dispensado. Ele já era um senhor com mais de sessenta anos. Não se despediu de ninguém, saiu da reunião com Davi e Michel e foi direto para a porta de saída da agência. Nunca mais foi visto. Parece que Michel não conseguiu ajudar muito o velho profissional. Ester lamentou. Sentiu vontade de perguntar o porquê daquela decisão, mas sabia que aquele não era o papel de uma secretária. Davi foi ficando cada vez mais calado. Parecia preocupado, incomodado, até que Michel ligou para Ester. Precisava falar urgente com ela. Os dois se encontraram em um restaurante em Ipanema:

-Davi dispensou Joice, vai ficar com uma iniciante no cargo. Aquela bonitona. Wanessa Campos, uma amadora.

-Mas como?

-Ele simplesmente me comunicou. Não me consultou como sócio. Tivemos uma briga muito feia, a coisa partiu para a ofensa pessoal. Eu disse a ele que local de trabalho não era para conquistas, ele se comportava como um garoto arrogante e mimado, ele... Michel parou, olhou para o nada. (A briga foi feia mesmo), Ester pensou. Ele ainda estava ofendido, e não era fácil tirar Michel do sério.

-Ele me chamou de...

Michel parou, continuava a olhar para o nada. Ester teve um calafrio. Teria Davi insultado Michel com alguma palavra racista? Não, não era possível. Ela preferiu não perguntar nada, Michel parecia humilhado.

-Eu vou montar minha agência, vai ser uma guerra, você não precisa vir comigo.

Ester sorriu e pegou na mão dele com todo carinho.

- E você acha que eu vou ficar lá com outra pessoa quando posso ser sua secretária?

- Não, não como secretária, venha como minha sócia.

No dia seguinte, Ester avisou por telefone a Davi que ia chegar mais tarde ao serviço. Segunda vez em quase seis anos de trabalho na agência. Não se preocupou com a reação dele. Aquela suposta agressão racial a Michel acabou de vez com qualquer simpatia a Davi. Foi até o cartório e a pedido de Michel solicitou uma cópia do contrato social atualizado da agência. Era o primeiro passo para desfazer a sociedade. Guardou o documento e voltou para a empresa. Deixou documento com Michel e foi para o seu último dia de serviço com Davi. Dez minutos depois, Michel chamou Ester para a sua sala. Ele estava sentado em sua cadeira com um único documento na mesa. Era o contrato social da firma. Michel parecia que tinha visto um fantasma. Depois de um silêncio constrangedor, Michel falou com ela:

-Ester, você se lembra de ter assinado algo a pedido de Romano.

Ele perguntou, parecia muito surpreso com algo, alguma coisa qualquer. Ester não precisou puxar pela memória, no hospital após o AVC ele pediu para ela assinar uma folha em branco para uma procuração ou algo assim. Um documento que ela receberia se a saúde dele se agravasse.

- Eu assinei algo para ele antes dele morrer. Não sei o que é. Minha confiança em Romano era total.

- Então eu tenho uma notícia para você, algo que muda tudo.

-O que é?

- Antes de Romano morrer ele passou para você todas as suas cotas da empresa.

Ester se calou, não tinha palavras. Ela olhou para Michel com uma interrogação no rosto. Ele pegou contrato social e apontou com ele para ela.

-Você é mais do que a sócia, é a sócia com a caneta na mão.

Ela perguntou de boca aberta:

- Mas o que?

- O contrato está registrado na junta comercial, eu já confirmei.

Ela pegou o contrato social, leu e confirmou a informação.

-Davi nem consta no documento, Michel.

O nome dela estava lá. Ester tentava colocar os pensamentos em ordem, estava cada vez mais atordoada. Continuava atônita.

- Ester, preste atenção. É tudo muito lógico. Antes de te chamar eu fiquei tão perplexo como você, depois fui juntando as peças. Eu me lembro que Romano uma vez me disse que a grande preocupação dele era justamente o filho assumindo em seu lugar. Ele achava que o garoto tinha alguma coisa errada, uma vez ele me falou isso e não tocou mais no assunto. Pelo que nós estamos vendo ele tinha razão.

Michel falou e levantou, foi em direção a Ester. Ester se lembrou do que Romano a contou uma vez em um desabafo que ele foi expulso do colégio por porte de arma, envolvido com drogas...

-Precisamos ficar atentos com Davi.

Provavelmente, do jeito que Romano era, ele contou ao filho sobre sua decisão. Mesmo que não tivesse contado não vejo como Davi não soubesse disto. (Será que ele passaria seis meses sem ler o contrato social de uma empresa que ele acabou de herdar?

Impossível), Ester pensou. Michel continuou.

- Davi foi desonesto, escondeu a decisão do pai, escondeu a decisão de você, devia estar tramando um jeito de conquistar a agência de novo.

-Mas como? Ester perguntou. Como ele faria isto? A decisão já havia sido tomada, a agência já...

Ester se calou, não havia digerido a informação ainda. Michel parou, de repente olhou para Ester como se ele soubesse a resposta.

-Ester, você estuda marketing, qual é o maior patrimônio de uma empresa de serviços?

Ester ficou calada, encarando Michel, sem resposta.

-Vamos Ester, você estuda marketing, qual é o maior patrimônio de uma empresa de serviços?

-Seus clientes.

-Ele sabia que era uma questão de tempo para descobrirem que ele não era mais o proprietário da agência. Nesse meio tempo, trabalha para conquistar os clientes da agência enquanto destrói a espinha dorsal da empresa. Mandou César embora, causou uma rebelião e Alessandra se demitiu. Ele me afastou das decisões da empresa e tem este negócio de ele dispensar Joice. Ela é uma gerente de criação brilhante, isso ia atrapalhar os planos dele de acabar com o prestígio da empresa. Ele então montaria outra empresa e levaria os clientes. Era o único jeito de conseguir sua agência de volta, só que agora com outro CNPJ, ou mesmo comprar a Agência Mais Criativa pelo preço de banana, depois de sucateada.

Ester olhou para Michel e falou alerta:

-Michel! Foi por isso que de repente ele voltou. Apareceu do nada depois de tanto tempo, ficou sabendo que a firma não era mais sua e veio correndo colocar seu plano em prática.

O quebra cabeça estava sendo montado. Ester agora fica calada.

-Nós achávamos que ele era um garoto mimado que nunca trabalhou, na verdade ele é um golpista, ele está dando o golpe na empresa. Quanto a Romano, ele não abandonou Davi, eu penso diferente. Deixou uma bela fortuna para o filho. Não queria que ele acabasse pobre levando a agência a falência e perdendo tudo.

-Michel, eu ainda não consegui digerir isso tudo, me ajuda...

Michel a abraçou e disse a Ester que não é hora de vacilar:

-Você é a dona da agência, de direito e de fato. Assim quis Romano.

Ester foi absorvendo a informação, Romano sempre a tratou como uma filha. A agência agora era dela e de Michel, estava lá no papel, foi uma decisão do próprio Romano.

-Precisamos ligar para Joice.

Ela disse sem convicção. Não se sentia bem, não queria nada daquele jeito.

-Eu já liguei, ela já sabe. Liguei imediatamente, após tomar conhecimento do fato. Se for assim que Romano queria, eu não

preciso viver mais estas duas farsas. Ter um sócio como Davi é uma farsa e principalmente ter escondido nossa relação este tempo todo. Ele fixou os olhos dele nos olhos dela. Tirou uma caixinha com duas alianças do bolso e entregou a ela, ela abriu e lá estavam e ela viu as alianças.

-Elas estavam aqui em minha mesa. Eu quero você como esposa.

Davi estava em sua sala concentrado em seu trabalho. Agora ele recebe uma ligação direta em seu telefone. Era do cartório onde o contrato social da agência estava arquivado. Depois dos cumprimentos formais, um jovem do outro lado da linha diz a Davi:

- Alguém solicitou o documento. Achei que o senhor devia saber.

Ainda atordoados com as notícias sobre a posse da empresa, Michel e Ester combinaram. Eles não queriam que a notícia sobre a nova posição dela fosse dada agora. Sobre o noivado, ela gostaria que Davi soubesse naturalmente, de preferência no dia em que a agência receberia um comunicado oficial sobre o futuro casamento. Uma chamada pelo interfone de Lídia lembrou a

Ester que a vida seguia. Davi solicitou a presença dela:

- O deus quer vê-la.

Eles não sabiam ainda, não sabiam que ela não era apenas a esposa do sócio. Agora ela era sócia e com a caneta na mão. Ele muito provavelmente já sabia que a empresa não era sua, era dela. Ele e Michel tiveram sérios atritos e ele podia se sentir traído por ela não ter contado sobre os dois para ele antes.

Porém, ela tinha sua consciência tranquila.

Tinha sido, até aquele momento, uma funcionária isenta, nunca se meteu na briga dos dois, até por conselho de Michel. Além disso, não estava preocupada. Ela tem a caneta... Ester entra na sala dele, Davi a cumprimenta e diz:

-Ester, hoje eu preciso de você para uma visita a um novo cliente, saímos daqui depois do almoço.

Ester se empertigou quando Davi avisou a ela que naquele dia eles iriam visitar um provável cliente muito grande, com a matriz em Juiz de Fora, Minas Gerais. O cliente ficava a duas horas e meia de viagem do centro do Rio. Se fosse com Romano nada a estranhar, ele tinha o hábito de levar ela sempre que visitava qualquer cliente. Ele a apresentava pessoalmente. Depois entendeu que a velha raposa assim fazia para cativar seus clientes com sua beleza, mas Davi, desde que chegara a agência nestes primeiros meses,

nunca havia solicitado a companhia dela para qualquer evento. Por que isto agora? (Tudo bem, não é hora ainda de contar a ele sobre o contrato social da empresa. Por enquanto sigo recebendo ordens), ela pensou. Ele era uma companhia desagradável, mas pagando hora extra não tinha problema nenhum.

- Pois não senhor Davi. Eu vou com o senhor. Logo depois do almoço, eles foram a Juiz de Fora em silêncio. Nenhuma instrução especial para ela e ela não tinha nenhuma pergunta para ele. Em certo momento da viagem, ele tentou algo como uma conversa casual. Perguntou se ela gostava de música, se tinha alguma preferência. Ela agradeceu e disse não. Passaram o resto da viagem em silêncio. Ester participou da reunião. Era um cliente em potencial importante. Podia ser uma conta daquelas, mas quanto mais passava o tempo, mais convencida ela ficava de que não havia realmente nenhum motivo para ela estar ali. A reunião terminou tarde. Ela ficou surpresa, a exposição de Davi foi brilhante. Era uma conta grande e ela agora estava na mão da agência. (Na minha agência). Já na volta, ele disse que ia levá-la em casa, ela agradeceu, inventou um compromisso no centro, ele podia deixar ela próximo à agência mesmo. Depois de um silêncio, ele olhou fixamente para ela.

-Ester, você é uma secretária maravilhosa. Já é tarde, jante comigo. Depois eu te levo para

onde você quiser sem nenhum constrangimento.

Ester pensou. Aquilo não parecia uma cantada, podia ser um sinal de paz. Talvez ele estivesse querendo mostrar a ela que seus conselhos seriam de fato ouvidos e seguidos com mais atenção, ou simplesmente um pedido de desculpas para um começo um tanto arrogante na empresa. (Ele não sabe que eu sou a nova dona da agência). Então ela se lembrou do olhar dele a seguindo quando se viram pela primeira vez em sua sala. Sentiu um calafrio, mas ela decidiu aceitar o convite dele. Não tinha medo, se fosse uma cantada ela saberia se defender, e como. Ela se lembrou de amigas que trabalhavam como secretária e eram importunadas constantemente pelos seus chefes, algumas cediam, algumas eram demitidas, outras viram amantes

-Então vamos!

Disse ela com um tom informal que surpreendeu a ele e a ela também. Saíram as 18.00h da fábrica próxima a Juiz De Fora e uma hora depois pararam em uma churrascaria de beira de Estrada próxima a cidade. Ester ficou à vontade. Ali realmente não era um lugar para cantadas.

- Eu não bebo. Além disso, estou dirigindo, mas se você quiser alguma coisa, uma cerveja...

Ela pediu um suco de laranja.

- Outro suco de laranja também, por favor.
O garçom, um moço com um uniforme tão simples quanto o lugar, não anotou nada. Ela reparou que Davi não era um homem exatamente feio. Era magro, mas tinha postura, era alto, elegante, seu cabelo castanho escuro era curto e volumoso, bem penteado, aquilo de forma alguma dava a ele uma aparência controlada. Seu queixo não era quadrado como o do pai, devia ter puxado a mãe. Após alguns segundos, os dois ficaram em silêncio. Ester resolveu puxar conversa.

-Senhor Davi, o que o senhor fazia antes de assumir a agência.

Ele olhou fixamente para ela com um semblante divertido e disse que não era velho. Tinha só vinte e sete anos e ela estava proibida de chamá-lo de senhor.

-Me chame de Davi.

-Lá na agência também?

Ela disse com um sorriso.

-Especialmente lá. Não fique preocupada quando eu chego calado, eu sou assim mesmo. Adoro acordar de manhã e pisar no rabo do meu cachorro, mas não gosto de ser chamado de velho.

Ela riu.

-Pobrezinho do bicho, pisando no rabo dele toda manhã, que mau humor. Você tem mesmo um cachorro? Eu duvido. Você mora em um apartamento.

-Tenho sim, e gosto muito dele. Aliás, eu tenho orgulho dele. Foi ele que inspirou uma expressão que você já deve ter ouvido. Ela ficou calada, olhando para ele divertida, não perguntou qual, mesmo assim ele disse: “-Saiu com o rabo entre as pernas”

Os dois riram. Durante o jantar ele falou que nunca trabalhou antes, estudava História. História era sua menina dos olhos. Ele achava que o conhecer o passado é fundamental para construir o futuro. Ela disse que estava estudando marketing, pensando em seu futuro profissional. Falou apaixonada pelas grandes campanhas que a agência tinha construindo. No fim falou de Romano, de como Davi devia ter o pai como um exemplo. Ester se surpreendeu mais uma vez com Davi. Ele podia ser bem agradável quando queria. O tempo passava rápido. De repente ele ficou em silêncio, olhando para ela. Ester também ficou em silêncio, encarando os olhos dele. Entendeu que no fim aquilo estava ficando igual a uma cantada. Não se sentiu mal, se fosse uma cantada, não era uma cantada banal, grosseira, era uma cantada até bonita e ele ainda não sabia que ela era comprometida com outro homem, nem sabia da festa na agência. Resolveu mudar a direção da conversa. Obviamente não queria nada com Davi, ele entenderia isto, mas tudo com muita sutileza, ela não queria mágoas. Por um momento imaginou se ele não poderia

continuar na agência. Não como dono, mas como gerente de contas:

-Davi, você é muito novo para a responsabilidade que tem. Escute um pouco mais a Michel. Seja mais simpático com seus funcionários, assim como você está sendo comigo agora. Lá é uma verdadeira família. Hoje eu vi sua apresentação, você foi brilhante. Já percebi que você terá um futuro imenso e já está na hora de todos esquecerem aquele apelido idiota que lhe deram na agência...

Ester parou, tinha falado demais.

- Qual apelido?

Ele parecia divertido com a pergunta. Ela continuou olhando para ele, ficou ali parada. (Que importância tinha isso agora?) Tinha falado demais. Ele insistiu, não tem problema, ele disse.

-É só uma bobagem, o pessoal lá da agência te chamava de “galho seco”.

Então a expressão de Davi mudou. (Meu Deus, aquilo era só um apelido, mas ele sentiu o golpe). Ester sentiu um arrependimento, (não devia ter falado aquilo. Que idiota!) Depois de mais alguns segundos de silêncio ele perguntou, olhando fixamente nos olhos dela:

-Por quê?

- Deixa essa bobagem de lado Davi, já passou. Ele olhou para ela, ficou ali parado. O jantar tão agradável terminou. Ester ficou triste,

durante o jantar ele estava bem. Ela o viu dar um sorriso que jamais imaginou que ele pudesse dar. Sentiu vontade de pedir desculpas, não devia ter dito aquilo. Ficaram o resto da viagem em silêncio. Desta vez ele não perguntou nada a ela, pegou um CD e colocou uma música, o som bem baixinho. A canção invadiu o ambiente do carro e quebrou o gelo. Foi uma boa idéia. A música era bonita, um coro angelical que fez Ester relaxar. A estrada era reta e a noite estava escura. Quando Davi percebeu, ela estava dormindo. Ester sonhou. No sonho o carro estava parado ao lado da estrada, estacionado. Davi estava fora do carro, de costas para ela, olhando para o céu. A música angelical não tocava mais e um profundo arrependimento tomou conta dela. Ela não devia ter dito aquilo. Ester sai do carro e vai em direção a ele lentamente. A estrada era quase completamente negra. Cheia de sombras. Era uma reta que parecia infinita. Ele não se moveu, ficou ali parado. Indiferente à chegada dela. Olhando para um céu lindo e estranho. Um céu que não era deste mundo. Um céu vermelho como um crepúsculo, apenas uma lua cheia enorme que dominava a paisagem e um arbusto seco. Era como se ele desejasse aquele céu. No sonho passo a passo, ela chegou junto a ele. A voz de Ester sussurra:

-Davi.

Um solavanco mais forte no carro, ela acordou. Estavam agora em frente a seu prédio no Bairro de Fátima. Foi só um sonho, mas o arrependimento dela era real.

-Você dormiu, Ester. Eu te trouxe até em casa, desculpa se estraguei seu compromisso.

- Não, foi ótimo, não tinha encontro nenhum. Ela abriu a porta, mas não saiu carro, olhou para Davi. Ele agora parecia bem.

- Foi uma viagem longa, você deve estar cansado, suba um pouco, tome um café. Você quer conhecer minha filha?

Ela viu novamente aquele sorriso nele que nunca havia visto na agência.

-Você não sabe que eu tenho uma filha?

-Eu sei.

-Então venha conhecê-la.

Ele saiu do carro e foram ao apartamento dela sem uma palavra. Ester acordou Flavinha e foi preparar um café. Flavinha saiu com seu pijama de bichinhos e olhou curiosa para o homem, parecia importante.

-Flavia, este é o senhor Davi. Meu chefe lá da agência.

Ela falou lá da cozinha. A menina se espreguiçou. Davi pensou que ela tinha no máximo quatro anos e era a cara da mãe.

- Minha mãe é importante lá no trabalho?

Ela perguntou apontando um dedo para Davi.

- Muito importante, a segunda pessoa mais importante.

-E quem é a primeira?

- Adivinha.

Ela jogou a cabeça para trás, soltou uma risada e apontou para Davi.

-É você.

Quando Ester entrou na sala com o café, viu Flavinha sorrindo para Davi, gostou do que viu.

-Está na hora de minha garotinha voltar para cama. Ester falou com carinho para a filha. Flavinha deu um beijo na bochecha de Davi, depois deu um beijo nela e foi para o quarto. Isto surpreendeu Ester Agora, mas do que nunca, ela se sentia à vontade com ele.

-Eu geralmente não faço café, acho que coloquei muito açúcar.

Ela entregou a ele uma xícara.

Ele provou.

-Este caldo de cana está ótimo.

Os dois riram. Ele tomou o café. Nem por um momento Ester se sentiu constrangida por estar com ele ali sozinhos após sua filha ir para o quarto. Ele tomou o café em silêncio, ela percebeu que, mesmo em seu silêncio, ele sabia colocar uma mulher à vontade. Às vezes ela achava que Michael falava demais.

- Obrigado Ester, sua filha é linda como a mãe, eu já vou.

Aquele elogio desconcertou Ester. Ela o acompanhou até a porta, mas não conseguiu falar, não conseguiu se desculpar por ter contado o apelido. Ele apertou a mão dela e foi embora.

Assim que Davi saiu, começou a chover. Ester já sabia. Tinha ouvido as previsões do tempo. Era um fim de semana chuvoso. Tem um recado em sua secretária eletrônica. Era de Michel:

- Boa noite, amor. Não gosto de ficar sem você sexta à noite. E nem em noite nenhuma. Quando chegar, me ligue.

Ester sorri com o recado. Liga para o agora seu noivo:

- Como vai, amor?

- Tudo ótimo. E você? Como foi com Davi?

- Surpreendentemente agradável.

- Eu tinha certeza disso.

Ela fica surpresa com o que ele disse:

- Por que diz isto?

- Um funcionário do cartório onde o contrato social foi registrado me ligou para avisar que alguém havia solicitado uma cópia do documento. Ele deu esta informação também a Davi.

Ester fica muda. Michel continua:

- Foi logo antes de ele levar você junto a um possível cliente. Depois, como você disse, ele foi surpreendentemente agradável. Isto reforça minha convicção de que ele já sabe que você é a nova dona da empresa.

Certamente agora vai tentar de cativar. Quem

sabe ou mesmo se mostrar apaixonado por você?

Ester continua calada.

- Você contou a ele que nós somos noivos.

- Não disse nada a ele. Este é um assunto pessoal meu. Ele que fique sabendo de meu futuro marido na segunda-feira no escritório. O que pretendo fazer mesmo, é na segunda-feira mostrar a ele quem agora manda na agência.

Na segunda-feira, bem cedo, um comunicado foi colocado no quadro de avisos da empresa por Ester. Celso se aproximou dela e deu um abraço nada formal, seguido de parabéns entusiasmado, era o gênio da informática no escritório. Magro e meio tímido como todo programador de computador parece ser. Ele era o responsável por colocar todas as ideias da agência de marketing numa tela de computador. Seus cabelos castanhos desarrumados baixaram junto com seu rosto em direção a ela, num gesto que parecia de aprovação ao casamento. Lídia, loura e gordinha, muito bonita, sentada em sua mesa bateu palmas e apontou para Ester. Lídia era uma máquina perfeita de trabalho, disputava com Ester uma vaga na agência e certamente teria vencido, mas na última hora Michel

atendeu um pedido de Romano e decidiu contratar as duas.

-Isto merece uma comemoração.

Lídia gritou para que todos ouvissem que naquele dia iria rolar uma festa após o trabalho.

- É isso aí, hoje vai rolar uma festa de despedida de solteiro, ou solteira.

Wanessa, a nova gerente de criação estava lá.

Abraçou Ester. A bela mulher de cabelos ruivos escuros com um corpo escultural e sardas que lhe valeram o apelido de pimentinha estava com um sorriso enorme no rosto.

-Ester agora é esposa do sócio, vai ser nossa chefe!

Ela falou divertida. Parecia mais um feriado, e se não fosse pelo Senhor Davi Romano praticamente seria um dia de festa naquele dia na Agência Mais Criativa, mas A chuva ainda era forte na segunda-feira, Davi chegou tarde naquele dia. A agência já estava comemorando o noivado de Ester.

- Bom dia, Senhor Davi.

- Já pedi para não me chamar assim, Ester.

Ela sorriu para ele, meio sem graça.

- Bom dia, Davi.

- Bom dia, Ester. Do que se trata esta festa?

- Está no quadro de avisos, eu e Michel formalizamos nosso noivado.

Por um segundo ele se calou como se estivesse absorvendo a novidade. Então ele deu aquele pequeno sorriso de aprovação antes de entrar em sua sala. Ele pediu para Ester acompanhá-lo. Ester ajeitou o vestido e foi com ele. Davi entrou, foi até sua janela. Agora estava de costas para ela, olhando a paisagem. Ficou assim alguns segundos e então ele se virou para Ester e disse com a voz mais natural do mundo. Era óbvio que ele não estava bem, ela sentiu.

- Agora que você faz realmente parte da família desta empresa. Acho que vou perder a minha secretária. Michel está de parabéns, desejo toda sorte do mundo aos dois.

Ele deu um sorriso para ela, parecia um sorriso triste. Ele continuou:

-Ester, eu vou sair mais cedo, agora mesmo, e não volto hoje.

Ele apontou para o cofre ao lado de sua mesa e continuou:

-Eu deixei um documento importante no cofre da empresa, não quero ninguém mexa lá até a minha volta.

(Será uma cópia do contrato social? Não preciso mais, eu tenho um em minha bolsa), ela pensou. Ela suspirou. Mal deu tempo de Ester falar um “sim senhor” e ele já saiu da sala. (Parece que nossa conversa sobre a empresa vai ficar para amanhã). Ester se aproximou da mesa de Davi por hábito, para arrumá-la, como sempre fazia. Ali na mesa

leu por acaso uma anotação de Davi bem no centro da mesa, “mais uma mancha negra na família”. Ester ficou ali olhando para a frase escrita em um papel em branco, era a única anotação em toda a mesa. “Agora você faz parte da família.” Ela lembrou. “Mais uma mancha negra na família”. Ela se lembrou de Michel, da última briga que os dois tiveram, teria ele ofendido Michel com palavras racistas? Lá estava escrito, “mais uma mancha negra na família” seria Michel a primeira mancha? E ela, uma negra, a segunda? Um sentimento de indignação vai crescendo. Aquele sorriso estranho dele. Ela olhou a anotação novamente. “Uma mancha negra na família”, lembrou novamente do que ele falou “Você agora faz parte da família” Seria uma agressão a ela? Uma ofensa racista propositalmente colocada em sua mesa para ela ler por ter escondido a relação entre ela e Michel? Ou foi simplesmente um comentário racista anotado em um momento de raiva por ela ter assumido um noivado com seu sócio e competidor? Ela lembrou-se de Flavinha. Sentiu medo, medo por ela, por ter que enfrentar durante sua vida gente assim, como ele. Ela saiu da sala à procura de Davi. Precisava tirar tudo aquilo a limpo. Não ia levar aquilo para seu túmulo, não era mais uma criança assustada como naquele dia terrível. Ester perguntou ao primeiro funcionário que viu:

-O Senhor Davi já saiu?

- Não, ele está na cozinha.

Ela foi até a porta da cozinha e aguardou a saída de Davi. Assim que ele saiu, ela pediu com educação e gentileza com as quais uma secretária deveria sempre se dirigir ao seu chefe, que fosse por um momento até sua sala com ela, era um assunto importante. Ele foi à frente e ela atrás, logo ele entrou na sala e sentou em sua cadeira com toda a tranquilidade do mundo. Com a mesma calma que ele demonstrou quando desempregou bons chefes de famílias que trabalharam anos tão lealmente ao seu pai. Ela se sentou em frente à mesa, como sempre fez, mas de repente ela ficou pensativa, estaria fazendo a coisa certa? E se não for nada disto? E se ele não a ofendeu? E se ele não sabia do contrato social? Ester resolveu ir em frente, ela precisava saber o que ele ia dizer. Ela começou sua conversa com firmeza, mas pausadamente. Não queria ser agressiva. Começava a achar aquilo tudo muito constrangedor. Tinha algo nele que ainda fazia ela ter uma certa consideração por Davi:

-Eu tenho um documento para mostrar ao senhor. Acho justo que o senhor saiba antes dos outros.

Ester pegou uma cópia da alteração contratual em sua bolsa e a colocou na mesa de Davi.

-O senhor sabia disto?

Ela perguntou com a reverência de sempre e continuou:

-Posso garantir que ele é legítimo. Foi devidamente registrado na junta comercial pelo seu pai. Acabei de tomar conhecimento. Parece que era o desejo de seu pai. Minha assinatura está aí porque assinei um documento em branco no hospital.

Ele olhou para ela, pegou o documento e leu por alguns minutos. Depois que parou de ler ficou olhando para o nada. Ester não identificou se ele estava surpreso. Ele se levantou, deu as costas para ela e olhou pela janela.

- O senhor nem consta no contrato social. O senhor sabia ou não?

-Sempre soube.

A resposta dele foi imediata, ele sequer vacilou, ela se sentiu decepcionada com ele, tinha que ir em frente.

- Senhor Davi, você me deu parabéns, disse que eu agora fazia parte da família da empresa. Depois eu encontrei uma anotação sua, na sua mesa falando em mancha negra na família. Senhor Davi, você é racista?

Agora ele se vira para ela. Tem aquele sorriso estranho.

- Desde que te conheci.

Mais uma resposta rápida, dada logo após a pergunta. Ela não ficou magoada. Se ele era racista ou não aquilo agora não tinha nenhuma importância, se aquilo que ele disse

era somente uma tentativa de insulto contra ela, não deu certo. A palavra dele agora não valia nada. Agora ela diz com autoridade para ele:

- De todos os crimes que o senhor cometeu, como apropriação indébita, falsidade ideológica entre outros, o de racismo, é considerado crime hediondo, inafiançável e não prescreve. E pensar que apresentei minha filha a um canalha como você. Unicamente em consideração a seu pai, eu vou permitir que recolha seu lixo e saia daqui a dez minutos. Não volte mais ou eu chamo a polícia para você. Entendeu?

Ele agora olha fixamente nos olhos dela, não parece nem um pouco abalado:

-Eu vou sair como pretendia fazer quando você me chamou para conversar. Depois do expediente eu volto e retiro meus pertences.

Ela diz secamente:

-Entendo. Além de tudo o senhor é um covarde que tem em medo de encarar aqueles que, na realidade, nunca foram seus funcionários e que você sempre tratou com desprezo e arrogância. Certamente, e não sem motivo, eles vão comemorar o seu final tão merecido. Não entendo como seu pai teve um filho tão desprezível como você. Um homem que não vale nada.

Por um momento ele ficou em silêncio, quando ele chegou junto à porta, Davi se vira para Ester. Ele tinha o rosto tranquilo, calmo:

- Obrigado por tudo. Adeus, Ester.

Capítulo 3

Ester percebeu. Um silêncio invadiu a festa na agência enquanto ela falava com Davi e permaneceu enquanto Davi se retirava. Assim que Davi saiu, a festa começou forte. Agora ela não se sentia bem, no fundo ainda achava que aquilo tudo não era correto com Davi, mas foi assim que Romano quis. Logo este sentimento ficou para trás. Os parabéns pelo casamento agora se misturavam aos parabéns por ela ser a nova dona da empresa. Michel contou a eles assim que Davi foi embora. Por que não? Sem dúvida a surpreendente notícia foi recebida com muita alegria por quase todos, menos por duas funcionárias. Wanessa pediu para falar a sós um momento com Ester, Maria acompanhou a reunião entre elas. -Ester, foi Davi quem nos contratou. Desculpe se a pergunta é inconveniente, mas eu soube pelo Celso agora na festa que Joice foi contratada como gerente de criação. Se for perder meu emprego, gostaria de saber o mais rápido possível.

Wanessa foi direta em sua pergunta. Maria nada falou, a pequena mulher estava mais miúda ainda, com o semblante fechado. Ester nem tinha pensado sobre aquilo ainda, ia conversar com Michel, mas ela tinha que ser realista. Wanessa não tinha currículo e nem experiência para o cargo que ocupava, quanto

a Maria, agora, naquele momento, Ester não sabia o que fazer:

-Davi volta hoje, depois do expediente para pegar suas coisas, Wanessa. Converse com ele, eu acho que ele vai abrir uma nova agência. Sinceramente, com a contratação de Joice não vejo muita chance de você continuar.

-Entendo. Obrigado Ester, eu já vou embora. Não tenho o que comemorar. Boa sorte. Wanessa se retirou, Ester agora se volta para Maria.

-Maria, no seu caso o meu parecer é que para que você fique, mas preciso da anuência de Michel.

-Eu já decidi, esta é minha carta de demissão. Maria nada mais falou. Entregou a carta e foi embora. A festa continuou. Depois do expediente, pediram para tirar uma foto dela na cadeira do chefe, alguém pediu pizzas. Ester faz planos. Quando a festa terminou, Michel levou Ester para casa. Ela se despediu dele com um beijo em seu apartamento e foi direto para cama. Estava deitada quando sua mãe se aproximou. A mãe ainda não sabia da novidade. Ela acariciou com ternura os cabelos da filha.

-Fico feliz que você se divirta um pouco, sempre tão dedicada à Flávia, chegou a se esquecer de você mesma.

-Mãe, eu tenho uma ótima novidade para te contar, sempre considere Romano quase

como um pai, agora me sinto filha dele como nunca.

Então ela contou. Ana Luíza sentiu que apesar de tudo a filha não estava feliz.

De madrugada, em seu sonho, a campainha de seu apartamento toca. Ela abre a porta. Era Davi, ali parado em frente dela. Ester pede para ele entrar, ele senta-se à mesa e ela prepara o café. Os dois estão ali se encarando, com as xícaras na mão, ficam sós, se olhando por algum tempo, depois ele vai até a porta, se prepara para ir embora. Atrás da porta havia um mundo estranho de sombras, ela quer dizer a ele para ficar, não consegue, Flavinha aparece, então ele diz:

-Ela é linda como a mãe.

Então Flavinha pergunta a ele quem é agora o mais importante na agência

No sonho ele apenas sorri com ternura para a filha. Vai até a porta, e se vira para Ester:

- Obrigado por tudo. Adeus Ester.

Ele avança para o vale das sombras. O telefone toca, Ester acorda de sobressalto do sonho, atendeu ao telefone ainda deitada, era Lúcia:

-Ester, uma tragédia aconteceu. Davi está morto.

PARTE 3
Ester

Capítulo 1

No carro de Michel, indo em direção à delegacia, Ester estava abalada e deprimida. Tinha medo da pergunta, mas precisava saber da verdade.

-Como foi Michel? Por quê?

-A primeira possibilidade é de suicídio.

- Não Michel, não...

Ester fechou os olhos, podia ser um sonho, um pesadelo, não, ela tinha sonhado com ele esta noite, era real. Ela busca a paisagem na janela do carro, fala para Michel, fala para ela mesma.

-Eu peguei pesado demais com ele.

Ester fica em silêncio o resto do percurso, quando chega à delegacia no centro da cidade, próxima a Praça Mauá, ela não estava nada bem. Ali em silêncio, esperando a hora de seu depoimento, deprimida, ficou observando a delegacia de homicídios em devaneio. Todas as delegacias são iguais, ela pensou. Parecem exatamente o que são, uma repartição pública. Tudo muito simples, até arcaico, um lugar agitado e desagradável, A ruiva Wanessa saiu de uma sala. Estava visivelmente em choque, parecia que tinha visto um fantasma. Ela já tinha dado seu depoimento. Agora era a vez de Ester. O sisudo delegado Ronaldo, um homem baixo, narigudo e de cabelos lisos como fios de seda

pretos explicou para Ester, em poucas palavras, que Davi havia colocado câmeras de vídeo há três dias sem o conhecimento dos funcionários e de seu sócio. E que a cena do crime estava gravada, o delegado pediu que ela visse o vídeo e se reconhecesse algo que pudesse levar ao criminoso. Todos os funcionários da agência estavam sendo convocados para o mesmo procedimento.

- Criminoso? Não foi suicídio?

-Não senhora Ester, isto ficou óbvio assim que vimos o corpo, não havia nenhuma arma ao lado.

Ester não sentiu alívio com a informação.

Ester ainda estava impactada com a morte de Davi. De repente ficou apreensiva, e se o vídeo era de três dias atrás a cena dela brigando com Davi estaria lá, não queria ver aquilo, ela se sentou em frente ao computador e esperou o início do vídeo.

-O primeiro fato que nos chamou a atenção é que a parte inicial do vídeo foi apagada. O vídeo começa após fim do expediente na noite do assalto, a senhora tem conhecimento deste fato?

Sem pensar, Ester disse apenas não. Aliás, não sabia nem das gravações. Será que sua briga com Davi não estava gravada? Não estava gravado, o vídeo começa com a festa na agência, vai até as vinte e duas horas, o delegado adiantou o vídeo. Naquela noite mesmo, por volta da meia noite Davi voltou a

agência, ele foi pegar seus pertences, ela já estava vazia, sem ninguém, ele passa pelo salão principal e vai até sua sala, acenda a sua luz, começa a esvaziar a gaveta. Pelo menos cinco minutos passam pelo vídeo, o salão completamente vazio e escuro, então uma luz escapou para dentro do salão principal por uma brecha. Alguém abria a porta de entrada para o escritório em silêncio. O delegado anotou mentalmente que não havia arrombamento. Ester viu um homem, miúdo, parecia mais um garoto muito magro, estava encapuzado. Ele entrou sorrateiramente na agência, sem acender as luzes, foi quando Ester viu a arma em sua mão. Ela não queria ver mais nada.

-A princípio achei que era provavelmente um assalto, um simples arrombamento. Achei que o ladrão não estava esperando encontrar alguém ali, mas veja.

O vídeo continua, o elemento foi até a porta e quebrou a porta de vidro da frente da entrada para o escritório, mas por que ele faria isto se já estava lá dentro? Ester pensou. Como se o delegado adivinhasse os pensamentos de Ester, ele falou.

-Não acho que foi latrocínio, parece que o criminoso simulou o arrombamento para que parecesse isto. No entanto, o vídeo mostra que ele já tinha a chave. Agora peço que a senhora preste a atenção, o barulho da porta

quebrando despertou a atenção da vítima que foi até o salão ver o que acontecia.

Ester ficou aflita. Conforme o delgado descrevia a cena que se passava no vídeo, a apreensão crescia rapidamente em Ester. Ela não queria ver aquilo. Quando Davi entrou pelo salão deu logo de cara com seu executor, Ester começou a ficar descontrolada com a imagem dele no vídeo. Durante segundos eles ficaram ali se olhando, sem ação. Então o assaltante apontou calmante a arma para a cabeça de Davi. Ele vai atirar em Davi.

-Vai embora!

Uma Ester horrorizada grita na delegacia sem se dar conta que estava em pânico. Um tiro acertou a cabeça de Davi a queima roupa. Um tremor que acompanhou o barulho seco do tiro no vídeo varreu Ester de cima a baixo. O horror da cena, do tiro a sangue frio fez com que ela levasse as mãos ao rosto e quase fechasse seus olhos. Lembrou-se de relâmpago dele naquele jantar com ele. Não queria ver mais nada daquilo, mas seus olhos aterrorizados acompanhavam a cena. Os dois correram. O bandido bateu na retirada, sem levar nada. Jogou alguns computadores pelo chão. Davi correu com as mãos no rosto para sua sala. Lá parou diante da janela, tirou a mão do rosto como que observasse a paisagem, ele ficou ali estático por cerca de cinco segundos... Ester não viu quando seu corpo desabou inerte no chão, não via mais

nada. O delegado Ronaldo olhou para ela. Ester parecia jogada na cadeira como uma boneca de trapo maltratada e abandonada por uma criança, bochechas caídas, olhos vermelhos, olhando para o nada.

- O que nos chamou a atenção no vídeo é que o elemento entrou sem arrombar a porta, e depois simulou um arrombamento, pode não ser um simples latrocínio. Parece mais um assassinato planejado mesmo. O suposto ladrão tinha acesso às chaves do local. A senhora reconhece algo nele, algum detalhe? Algo, um sinal que pode nos ajudar a levar ao elemento.

Tudo que Ester conseguiu falar foi um não e começou a chorar.

- Sinto muito senhora Ester, mas eu tenho mais uma informação importante. Davi não está morto.

Ester encarou o delegado.

-Mas é como se ele estivesse. A bala explodiu metade de seu cérebro. Ele está em um quadro de coma vegetativo. Nunca mais vai acordar.

Ester voltou ao escritório da agência. Entrou pela porta dos fundos de acordo com a instrução de Michel. A agência hoje estava fechada. Estavam todos reunidos e Michel acabara de fazer seu discurso, Ester ainda

estava nervosa com a cena no vídeo, mas já se refazia, já tinha o autocontrole praticamente de volta. Ela se lembrou de Davi correndo em direção a sua sala, nos últimos momentos de sua vida, sozinho, olhando para a janela antes de desabar no chão. Michel reparou que Ester está com seu olhar distante, ele a abraça.

-Você está bem?

- Foi horrível, ele estava aqui, exatamente neste lugar, o homem apontou a arma e atirou em sua cabeça, ele correu...

Ester parou de falar, (foi depois que eu quase falei aquilo a ele...) ela pensou. Michel a embalou com seus braços, todos os funcionários fizeram um silêncio constrangedor.

-O delegado não acha que foi latrocínio, acredita que alguém queria matar Davi, mas quem? E pôr que?

-Todos nós vimos o vídeo, Ester.

-E agora, Michel? Ele vai ficar lá sozinho, no hospital? Sem ninguém cuidar dele?

Mais um silêncio pesado se fez na agência, todos perceberam que Ester se sentia culpada. Lídia sentou ao lado dela.

-Foi só um acidente Ester, ninguém é culpado.

-Eu cuidarei dele, irei ao hospital, afinal fui secretária dele, peço a todos que não se esqueçam do quanto o pai dele foi amigo e generoso com cada um de nós. Conto com vocês em um possível velório.

À noite, depois que voltou do hospital, ela se sentiu melhor. Michel serviu duas taças de vinho e levou uma delas a ela que estava deitada, aconchegada no sofá da sala de TV da casa de Michel, em um condomínio fechado na Barra da Tijuca. Ester às vezes ficava se perguntando como um homem sozinho como Michel podia manter tudo aquilo sempre tão limpo. Ela sorriu, ele podia. Ester estava nua debaixo do lençol, vida que continua. Ele sentou ao lado dela, entregou a taça e enfiou a mão debaixo do lençol e a acariciou enquanto ela sorvia o vinho lentamente.

-Foi legal você se dispor a cuidar dele, Ester. Já estava achando que ia sobrar para mim.

-Como eu disse isto é trabalho de secretária, eu fui, ou pelo menos achava que era. Encaro como meu último trabalho, além disto, tinha o pai dele...

Ela suspira...

-Como fica a agência agora Michel?

-Como assim?

-Nós ficamos como os únicos donos?

Ficamos. Nada muda.

Ester ficou em silêncio por dois segundos, lembrou-se de Davi lá no hospital, ligado a uma máquina, tubos que o mantinham vivo. O médico disse que o quadro dele evoluiu para um estado vegetativo persistente,

explicou que só sobrou do cérebro dele sua parte automática, ele dorme, ele acorda, tem algumas reações rápidas de reflexo, respira normalmente, tudo automático, mas não tem consciência, não havia mais chance de melhora, a outra parte de seu cérebro estava destruída pela bala.

-Michel, é terrível, ele pode ficar por décadas naquele estado. Tecnicamente não havia morte cerebral, o médico não podia atestar o óbito. Ele ficaria ali como um zumbi, um morto vivo por muito tempo.

Michel disse a Ester que se ele tivesse algum parente vivo ficava mais fácil, ela poderia pedir o desligamento judicial das máquinas que alimentam a Davi e o mantêm vivo. Ester olhou para Michel e disse que na verdade ele tinha um, uma prima de Davi que trazia a ela a lembrança daquele verão em que tudo deu errado, aquele verão em que Ester estragou a vida de sua mãe. Era Clarice.

- Foi ela quem me colocou na agência.

Ester se sentou no sofá, estava nua. O lençol caiu sobre seu colo. Ela não se cobre, sorri para ele rapidamente, Michel reparou o gesto. Vida que continua.

Chove muito. Vai ser um daqueles dias de caos na cidade, alagamentos... Marisa olha

direto nos olhos do Delegado Ronaldo. Ficou em silêncio por alguns segundos, tinha acabado de receber a notícia por ele. Davi não existia mais. Por um momento Ronaldo achou ter percebido a profunda tristeza dela, mas ele estava enganado.

-Tem certeza, Marisa?

-Tenho, ele não representa nada mais, há muito tempo.

-Você quer que eu faça algo, como ser informada sobre o andamento do caso?

- Tudo que eu quero agora é um café bem forte.

O delegado Ronaldo falou que se ela mudasse de ideia, a investigação seria dela. Ele tinha certeza que ela não ia misturar seus sentimentos pessoais com a correta apuração dos fatos. Marisa é uma policial competente, preparada, sem dúvida logo seria delegada também. Ronaldo se levantou. Quando começou a se afastar da mesa dela, Marisa pensou em seu marido e suas filhas. Davi não representava mais nada, e Davi não merecia nenhum esforço dela. Ela se lembra do que ele disse quando terminaram:

“- Acabou, Marisa. Tudo acabou” (No fim, como eu disse, ele morreu sozinho). Logo depois, a profunda tristeza que ela conseguiu disfarçar tão bem de Ronaldo tomou conta de vez do seu semblante, pensou no estado dele no hospital. Quem foi? Por quê? Será que alguém vai cuidar dele ou ele estará sozinho

como sempre? Afastou esses pensamentos de sua mente. (Vida que segue, chove muito, hoje vai ser um dia daqueles), ela pensou.

Ester agora estava arrependida. Tinha sugerido a Michel que ela podia inventar qualquer pretexto e ir ao apartamento de Davi verificar se havia algum sinal, uma agenda com um telefone, uma carta, qualquer coisa que levasse a Clarice ou se simplesmente a prima dele havia sumido do mapa. Ela tinha a chave do apartamento, a diarista de Davi havia entregado a ela após o crime. Michel tinha desaprovado a ideia, queria ela longe de tudo aquilo, ela já tinha feito por Davi mais do que ele merecia. Agora ela estava lá, no apartamento do quase falecido, no Leme. Mas não se sentia nada bem com isto. Ester se identificou na portaria do prédio como secretária de Davi, precisava procurar telefone de parentes e amigos para avisar sobre o estado dele, ela tinha a chave, chegou a torcer para que o porteiro arrumasse algum problema e ela não pudesse entrar, mas ele apenas abriu a porta do elevador para ela, afinal ela tinha a chave. Ester se sentiu aflita ao chegar à porta do apartamento. Não devia estar ali, mas cedeu e a abriu assim mesmo. A primeira coisa em que reparou no apartamento era a simplicidade do mesmo.

Uma sala grande com o de sempre, um sofá, uma mesa de jantar, um quadro com uma pintura de dois jovens, Davi e Clarice juntos, sim era ela. Ester reconheceu o rosto que deu uma carona a ela há anos atrás. Davi era um homem de dinheiro, tinha condição de ter bem mais do que aquele apartamento, uma cozinha, dois quartos dos quais um era escritório particular de Davi. Era ali que ela ia começar sua busca por Clarice ou qualquer parente que pudesse desligar aquela máquina. No quarto que servia de escritório, mais um quadro. Uma imagem de homem solitário sentado em um banco de pedra de frente ao mar, uma tempestade se aproximando. Livros, muitos livros, de todo tipo, ficção, suspense, documentários. Agora ela entendia por que não viu televisão em seu apartamento. Davi lia muito pelo jeito. Nada importante em cima da mesa. Ela lembrou-se da mesa de Davi na agência, e no que estava escrito naquele dia, uma mancha negra. Ela abriu uma das gavetas da mesa, papéis sobre campanhas, trabalho. Abriu outra gaveta, uma agenda, ela folheia a agenda, nada, só número de telefone de contatos profissionais. Ester conhecia todos os nomes ali, afinal era sua secretária, nenhum amigo, nenhuma amiga, muito menos Clarice. Ela desapareceu da vida dele. Ester deu um suspiro. Olhou em volta, não havia mais nada de útil ali. Ela foi ao quarto dele, o mesmo padrão do resto da

casa, tudo muito espartano, uma cama, um criado mudo. Dois quadros chamaram a atenção de Ester. Um era uma árvore pintada a óleo muito bonita, com ramos enormes e cheios de folhas e frutos em um campo verde. No outro, um homem de costas, quase uma sombra, em um ambiente soturno, olhando pela janela. Em cima da cama uma mala de viagem, (estaria ele se preparando para ir embora antes de morrer?) Foi logo depois daquela tarde, ela lembrou. Ao lado da mala um caderno em cima da cama. Ester foi até ele e leu o que estava escrito na capa:

“Diário”.

Ester ficou subitamente alerta. (Aquilo seria um diário manuscrito de Davi?) Ela ficou ali olhando para ele. (E se for realmente um diário? Daqueles que a gente vê no cinema, como daquela pobre menina Judia se escondendo dos nazistas? Sua vida podia estar toda ali, será?) Ela podia conhecer ele a fundo e descobrir seus segredos. (Ele sabia do contrato social? Era racista?) Ester tremeu, e se tivesse sido injusta com ele naquele dia, seria isto útil agora que ele estava um morto vivo? A mão de Ester foi em direção ao caderno. Ela tinha um sentimento de vergonha, um mal-estar por pensar em invadir assim a intimidade e privacidade de uma pessoa, mas crescia também um

sentimento de posse. Ela precisava saber se tinha sido injusta. Seus dedos cercaram o diário, segurando o caderno sentiu como se a vida de Davi estivesse na palma de sua mão. Levou o caderno até a sala, foi até a cozinha pegou um copo d'água, voltou à sala, ficou olhando o caderno enquanto terminava de beber sua água, no copo de Davi, na sala de Davi, no lar de Davi, diante da vida de Davi. Terminou seu copo. Pegou o caderno delicadamente, como se ele fosse desmanchar ao mais leve toque. Folheou o diário e descobriu que ele estava praticamente todo escrito, quase até a última página. Então a companhia do apartamento tocou. Apreensiva, ela colocou o diário dentro de sua bolsa e atendeu a porta. Ester sentiu um frio na barriga, era o delegado Ronaldo. O delegado pediu licença para entrar e sem que ela falasse nada ele caminhou pela sala, como se estivesse procurando algo, então se vira para ela e pergunta:

- Posso saber o que a senhora está fazendo aqui?
- Vim procurar alguma agenda, algum bloquinho de telefones com possíveis amigos ou parentes para informar seu estado. Ela falou com uma naturalidade forçada:
- Como conseguiu a chave do apartamento?
- A diarista Davi me entregou as chaves. Não sabia o que fazer com elas após seu falecimento. Afinal, eu era secretária dele.

Ele continua andando. Procurando alguma coisa ou vestígio de um local que tivesse sido vasculhado.

-Por favor, me mostre exatamente o que você fez desde que chegou, senhora Ester.

Ela foi até o escritório com ele, lá ela mostrou a agenda telefônica, o delegado abriu a agenda.

- Como o senhor pode ver não havia telefones de amigos ou parentes, só dos clientes e alguns funcionários da agência.

- Interessante, o senhor Davi não tinha muitos amigos, não é? O vídeo começa com a festa na agência quando ele saiu. Ele não era exatamente querido, porque será?

Ele perguntou sem olhar para ela, continuava estudando o ambiente, ela nada respondeu, depois levou ele até o quarto de Davi.

-Como o senhor pode perceber não tem nada aqui.

Depois o levou até a cozinha.

-Saí do quarto. Vim até a cozinha e me servi de um copo d'água. Foi isto exatamente o que aconteceu.

Ele viu o copo em cima da mesa, ficou ali encarando ela por alguns segundos.

-A senhora poderia, por favor, esvaziar sua bolsa na mesa?

Ester sentiu um frio na barriga, o diário de Davi estava lá, (e agora?). Não tinha saída, qualquer desculpa para não abrir a bolsa só iria piorar a situação. Como um robô foi

colocando em cima da mesa seus objetos pessoais, pensou em deixar o diário na bolsa, mas ele ia verificar se ela estava vazia. Ela não tinha opção, silenciosamente ela coloca o caderno sobre a mesa e mostra a ele a bolsa vazia. O caderno chamou a atenção dele, ele o pegou e na capa estava escrito "diário". Ester se preparou para explicar o inexplicável. (Só mesmo uma mulher para ter uma bobagem como aquela, um diário), ele pensou.

- Pode guardar tudo senhora Ester.

O delegado Ronaldo anotou mentalmente que vai mandar fazer uma perícia no apartamento. Sentiu orgulho do seu profissionalismo.

Assim que o delegado saiu, Ester ligou para Michel. Ela parecia estar com medo, ele percebeu que o tom de sua voz era ansioso.

-Michel, eu não achei nada sobre Clarice no apartamento. Meu palpite é que ela nunca mais vai aparecer.

-Ester, por que você diz isto?

- Intuição feminina.

Michel continuava achando Ester estranha, perguntou a ela se algo havia acontecido.

-Quando cheguei ao prédio o porteiro me deixou entrar sem problemas, mas logo depois ligou para o síndico. O síndico estranhou e ligou para a polícia. Segundo ele tinha alguém no apartamento de Davi, achou melhor informar, quando eu estava de saída o delegado chegou.

-Porra...

-Ele está desconfiando de mim. Isto é óbvio. Lá na delegacia aquela parte do vídeo onde apareço destratando Davi estava apagada, perguntou se eu sabia de alguma coisa...

- Você acha que ele estava mentindo?

-Claro, ele queria ver minha reação, ele deve estar com o vídeo todo, não tem sentido o vídeo não ia apagar sozinho, ele viu a briga, jogou verde para colher maduro, agora ele me pega no apartamento de Davi, como se estivesse procurando algo que pudesse me incriminar.

Michel sentiu Ester quase em pânico, procurou acalmá-la.

-Ester, ele não tem nada contra você, simplesmente por que você não cometeu o crime. E será que o idiota não vai logo perceber que você não tinha motivo nenhum? Você já era dona da agência quando ele morreu, e todo mundo já sabia. Diga-me onde você está e que eu vou pegá-la.

- Eu vou para casa Michel, descansar um pouco, eu te ligo de lá.

Ela chega ao seu apartamento. Flavinha estava com a avó em Padre Miguel. Ester tomou um banho quente, preparou um café, lembrou de Davi dizendo divertido: “caldo de cana”. Pegou seu café. Pegou sua bolsa e foi

para seu quarto. Agora o diário de Davi estava em suas mãos. Uma forte sensação de que o que estava para fazer era muito errado, não tinha o direito, era a vida dele, a intimidade dele. Por um instante, a sensação foi mais forte do que sua enorme curiosidade. Ela deixou o diário cuidadosamente ao lado de sua cama e deitou, relaxou e dormiu.

Começou a sonhar...

No sonho, ela decidiu ler o diário no hospital junto a Davi. Agora está no hospital, caminhando pelos corredores vazios e escuros até o quarto de Davi. É tarde, não havia mais ninguém ali no prédio, só os dois. Ela senta diante da cama dele, abre o diário de Davi. Lá está escrito uma única frase:

“Eu tenho um segredo”

Um calafrio correu pelo corpo dela. Ela tira os olhos do caderno e vê que o corpo sem vida dele não está mais no leito do hospital. Davi estava junto à porta, olhando direto em seus olhos. No sonho, ela diz a ele:

- Davi, naquele dia terrível, em que minha mãe foi demitida do colégio São Mateus por minha causa, eu jurei que nunca mais ia contar um segredo. Tudo que estiver no seu diário fica só entre nós.

No sonho, ele agora sai pela porta do quarto, vai caminhando para dentro daquele corredor, um lugar de sombras, vazio e escuro

do hospital. Antes de desaparecer de vez ele se vira para ela e diz:

- Obrigado por tudo. Adeus Ester.

Ela acordou. Havia cochilado, olhou para o relógio, foram quinze minutos, ainda não eram onze horas da manhã: "Eu tenho um segredo." Ela se lembrou do sonho, de repente um pensamento tomou conta dela. O diário podia revelar fatos que levassem ao criminoso. Podia revelar quem tinha motivos para querer matar Davi. (Eu vou ler o diário, mas eu juro, Davi, o que estiver ali ninguém vai saber. Eu já sei como é importante guardar um segredo). Ela pensou. Ester abre e começa a ler o diário.

